

correndo sua fortuna, sem poder entrar pela barra: Agora achei porto & repouso na vida solitaria, i uos em boa hora esperança & fortuna, que não quero de vos nada. Atequí me trouxestes enganado prometendome de me ter impinado no cume da inconstanteroda, que me vos fazieys parecer cõstante, agora podeys enganar a outros, que a mí ja me não enganareys. Ahi não ha fortuna, nem acertou nisso Pericles, porque falaua segundo o commũ custume dos gétios, mas com tudo elle nos deyxou grande exemplo, em deyxar o muyto, que o distrahia, & contentarse com o pouco que o acquietaua. Assi como da terra esterile fae o ouro, & tem ella em si minas de excellentes metaes, assi às vezes d'hũ gentio fae maravilhosa doctrina, & ainda que esterile polo defeyto da fé, todavia olhada sua vida acharlheys ás vezes minas de grandes virtudes moraes, ainda que imperfeitas por falta das theologaes. Mas basta que eutẽ-

DA VIDA SOLITARIA

dião elles quão excellente era a vida solitaria, poys trocavão por ella a publica.

- Anaxil.** Anaxillo o philosopho por lograr a doçura da vida solitaria, desprezou o principado de Athenas, dizendo, que queria antes ser seruo dos boões que algoz dos maos.
- Empedocles.** Empedocles Agrigentino, discipulo q̄ foy de Pythagoras, como escreue Thimeo, nunca quis acceptar o reyno, q̄ lhe dauão,
- Thimeo**
- Xanto.** como o affirma Xanto no liuro que fez de seus louuores. Estimou tanto a vida solitaria, que a preferio a toda a potencia & riquezas do mūdo. Estando Demetrio Phalercii desterrado no Egypto, depoy de ter governado Athenas, foy o alli ver Crates o philosopho, & disse tão altas coufas, & tractou tão graues materias, q̄ disse
- Demet.** Demetrio, como o refere Plutarcho, Mal ajão os negocios & occupaões, que tiue em outro tempo, pois forão causa de não ter conhecido mays tempo a este philosopho. Palauras erão estas de quem sentia bem o gosto & proueyto da vida solitaria

varia. Conta o mesmo Plutarcho no li-
 uro da tranquillidade do animo, que sen-
 do Zeno mercador, perdeu no mar a sua Zeno.
 nao com toda sua fazenda, & vendose
 pobre & enganado do mundo, acabou
 de conhecer que atelli senão conhecera,
 & disse, q̄ folgaua com sua perda, polo pro-
 ueito q̄ lhe della resultaua, porque se auia
 de fazer philosopho, & dar á vida solitaria.
 E depoy de ter effectuado seu proposito
 & ter alcançada muyta sciencia, conta
 Apolonio Tyrio, que dizia elle, que nun- Apolon.
 ca nauagara com melhor vento, que quã-
 do perdera a sua nao, poys aquella tor-
 menta fora causa de sua bonança.
 Perguntado Antisthenes o philosopho Antisth.
 que fructo colhera da philosophia, respõ-
 deo q̄ poder viuer & falar cõfigo só, & dar
 se ao recolhimento. Conta Valerio Maxi- Valerio.
 mo, q̄ o grande Anaxagoras por se dar á Anaxag.
 philosophia, se desterrou de sua ppria ter-
 ra, & tornando a ella dahia muyto tẽpo,
 achãdo pdidas todas suas herdades, disse,

DA VIDA SOLITARIA

Por certo não fora eu salvo, se se ellas não
Tibullo. perderão. Tibullo no primeyro de suas
 elegias diz estas palauras. Possuão outros
 grandes riquezas & ouro, & amí deyxem
 me estarem minha pobreza, quieto no
Diogen. meu lát sem cuydados. Perguntado Dio-
 genes Cinico se auia no mundo algũ ho-
 mē mays bemaumenturado que Gyges ri-
 quissimo & poderosissimo Rey, respon-
Valerio. deo, como diz Valerio Maximo, q̃ Aglao
Aglao. Psophidio era mays bemaumenturado. Era
 Aglao hũ pobre homē que toda sua vida
 viuera nũ seu casal de Thracia, sem nũca
 delle fayr, contēte com aquella pobreza,
Plinio. & vida solitaria. Faz disto menção Plinio
Horacio no septimo da historia natural. Horacio
 diz que bemaumenturado he aquelle que
 separado dos negocios lauracõ seus bóys
 a terra, que herdou de seu pay, sem cuy-
 dados de interesse. E daqui vierão muitos
 a deyxar os carregos pubricos, & a fugit
Petrarc. das cidades & de suas gouernãças. Petrar-
 cha chama ao pouo fera indomita, &

Hora

Horacio compára o que o quer gouernar Horacio
 a homê, q̄ com hũa só & fraca redea quer
 enfrear muytas cabeças, & que quer per
 si só marear & gouernar hũ grãde nauio
 sacudido dos ventos, nas varias & duui-
 dosas ondas. Sidonio Apolinar diz: Não Sidonio.
 sou do parecer daquelles, que tempera si,
 ser summa béauenturança o summo po-
 der. E Flauio vopisco diz, que o imperio Flauio.
 he cousa odiosa, & o mando & carrego
 pubrico cousa pesada. Isto sentião bem
 aquelles antigos philosophos, de que
 estão cheos os liuros, que engeytarão go-
 uernações & pubricos magistrados, & se
 recolherão em seus solitarios apartamen-
 tos pera viuerem com repouso, & quieta-
 ção, & contentamento, porque tinham
 ellespera si, que não auia gosto nesta vida
 que se podesse com o da vida solitaria
 comparar. Esta era aquella ambrotia do-
 cissima, & aquelle nectar suauissimo, que
 fingião os poëtas, que erão as igoarias &
deleytoso com cr& beber dos deoses, pera

DA VIDA SOLITARIA

significarem a marauilhosa doçura, que traz comfigo a contemplação das coulas diuinas, ca aos contemplatiuos, que viuão na terra, chamauão deoses collocados no ceo, & aos gostos de suas contemplações chamauão ambrosia & nectar, có que a alma se recrea, quando sobe tanto com o entendimento, que alcança o curso, & natureza, & influencias dos orbes celestes. Isto quiserão significar os poetas quando em suas fingidas fabulas deyxarão em memoria, que o fermoso Ganymedes fora arrebatado d'hũa aguea no alto monte Ida, & leuado ao ceo, & apresentado a Iupiter Rey das estrellas, pera significarem, que quem fosse ornado da fermosura da virtude, & sobisse per contemplação ao alto monte Ida, seria enleuado & arrebatado com o entendimento aos segredos do sol, lũa, & estrellas, & communicaria com Iupiter, a quem elles em suas gentilidades attribuyão o dominio do ceo. Daqui veõ Homero a chamar

Ganym.

Ho mer.

mar

marlho diuino Ganymedes arrebatado
 dos deoses. E estas são as horas do rouba
 do Ganymedes, de q̄ fala Vergilio. Attri- Vergilio
 buyrão tanto os poetas & philosophos a
 esta contemplação, que ainda que confes-
 saão ter Hercules pelejado com os mō- Hercules
 stros, & passado terribes trabalhos pola
 virtude, tão cantados em seus versos &
 poesias, que querião espantar com elles o
 mundo, todavia nunca o tiuerão por im-
 mortal & diuino, senão depoy que se se-
 parou da gente, & subio ao alto cume da
 fragosa montanha chamada Oëta, onde
 se meteo nũa grande chama de fogo. Pe-
 los trabalhos de Hercules entendião elles
 a vida actiua, & pela solitaria sobida do
 alto monte Oëta a cõtemplatiua, & pelo
 fogo em q̄ se abrasou, o amor & affeyção
 da primeyra causa, em q̄ alma se inflama
 na diuina contẽplação. E sendo este Her-
 cules o Lybio, chamado cõmumẽte The Diodo-
 bano, filho de Osiris, como diz Diodoro ro.
 Siculo, & Beroso Chaldeu, forã os Gregos Beroso.

DA VIDA SOLITARIA

Annio.

ram amigos de sua gloria, que quizerão attribuyr tudo isto ao seu Hercules Grego chamado Alceo, filho de Amphitrio & Alcmena, como copiosamente o proua o vosso Annio viterbenſe nos ſeus eruditiffimos cõmentarios ſobre Beroſo, & ſobre as origẽs de Catão. Mas elles glorianoſe de terem em ſeu theſouro hum varão inſinhe, que depoyſ de muytos perigos & trabalhos ſe deu à vida ſolitaria & contemplatiua, fingirão que todas as grãdezas & miraculoſas obras do Hercules Libio tiuera o ſeu Hercules Alceo. No que claramente ſe ve, quanto eſtimauão a vida ſolitaria & contemplatiua, poys ſós os dados a ella tinhão por immortaes & ſempre famoſos, ca ſos aquelles tinhã elles, que encomendauão ſua memoria à eternidade, que buſcauão hũa ſolitaria quietação, deyxando o mundo, que elles dizem que anda cõ ſua roda dalcaturuzes hũs cheos outros vazios, ſem aleuantar hũs, que não abayxe os outros.

CA-

Em que o Portugues conclue a excellencia da vida solitaria, & mostra o fructo, & vtilidade da historia.



O dos os homẽs dalto inge-
nho tiuerão pera si, que a
quietação era cousa muy
doçar & segura, & a gouer-
nança muy azeda & peri-
gosa. Daqui veyo el Rey Seleuco a dizer **Seleuco.**
têdo nas mãos a coroa real: O diadema
mays rica que bem auenturada, quem bê
conhecesse quã chea es de fadigas & cuy
dados & perigos, ainda q̃ te visse no chão
te não aleuantaria. Isto moueo a Lydia- **Lydiad:**
des Rey de Megalopoli, a deixar o reyno
de sua propria vontade. E o mesmo quise
ra fazer Augusto Octauiano ao imperio, **Augusto**
se achara ombros que poderão tãmanho
peso sustentar. E se me differdes que foy
fingido isto de Octauiano, porq̃ não pare
ce possiuel desejar hum homẽ de deyxar
a monarchia do imperio Romano, & fi-
car subdito de quem o fora seu: que me

DA VIDA SOLITARIA

Dioclec. direys ao Emperador Diocleciano, que realmente a deyxou de seu proprio morto, sem nunca mays a q̄rer? Este Diocleciano depoy de ter muytos annos gouernado o imperio, & alcançadas grandes victorias, & edificadas aquellas espantosas thermas de Roma, que se podem igoalar com algũas das sete marauilhas do mundo, & preferir a muitas dellas, renunciou totalmente o imperio estando em gran-

Baptista Egnacio de prosperidade. E diz Baptista Egnacio, que nem o moueo a isto velhice, nem fraqueza do animo, senão sua liure vontade, & que ficou tão desabafado & contente, que disse, que nunca sentira tão alegre & resplandecente o sol, como depoy q̄ se vira fora do imperio. E ficando liure de tãmanho peso, deyxados os negocios em que andaua engolfado, se foy meter nua sua pequena quintam apar de Salona cidade de Liburnia, como o conta Eutropio, & Pomponio Leto. E alli acabou sua vida, contentandose cõ aquella pobreza

Eutrop.
Pópon.

& solidão. Dizia elle que de só o Empe-
 rador se auia d'auer dò, & do laurador
 enueja. E auendo dias que alli estaua en-
 trarão embayxadores dos Romanos a
 pedirhe q̄ tornasse ao imperio, & acerta-
 rão de chegar a tēpo, q̄ elle andaua n'ua
 sua pequena horta colhendo alfaces, aos
 quaes elle respondeo q̄ lhe não falassem
 em tornar ao imperio, & q̄ o deyxassem
 comer com repouso aquellas alfaces, que
 elle prátara, q̄ descanassem q̄ não auia de
 tornar a imperar, q̄ ja prouara a q̄ sabia a
 vida pubrica & a solitaria, & q̄ antes que-
 ria andar só cauado na sua horta, q̄ trazer
 ás costas o imperio de Roma. Diz Trebel-
 lio Pollio, & tralo també Leto na vida de
 Diocleciano, q̄ soia elle a dizer q̄ nenhũa
 cousa era mays difficil que bem imperar.
 E o Leto diz que quando se vio fora do
 imperio díslera, q̄ então amanhecia, & que
 desd'aquella hora por diate começaua a
 viuer. E não pareça a ninguẽ que foy isto
 bayxeza & pusillaniedade, mas grãdeza.

&

Trebel-
 lio.
 Leto.

DA' VIDA SOLITARIA

& magnanimidade, porque não vem se não d'alto animo desprezar aquellas cousas, que os mortaes inflammados com cubiça summamête desejão, afferrando nella a vontade. E pera que nos não pareça fabulosas estas historias, ponhamos os olhos no que passou á quatro dias & cõ a memoria do que vimos, desfaremos a roda do pouco credito, que damos ao q̄ lemos. O Emperador Carlos quinto hũ dos mores & mays excellentes principes que ouue no mundo, depoy de ter alcãçadas grandes victorias em Italia, Africa, França, & Alemanha, deyxou voluntariamente o imperio & seu alto estado cõ todos seus reynos & senhorios, & apartãdose do mundo se recolheo sem fausto algũ a hũ mosteyro de sam Ieronymo, onde acabou seus dias com grande quietação naquella vida solitaria, no q̄ mostrou a fineza de sua virtude, & a grandeza de seu animo. Diz Seneca que de coração grande he desprezar cousas grandes. E

Quia

Seneca.

Quintiliano diz, que affaz he de riquezas não as desejar. Estando hũa noyte ceando Philippe Rey de Macedonia disse aos philosophos, que tractassem algũa questãõ, & foy ella, qual era a mór cousa do mundo. Hũ respondeo que o monte Olympo, que com sua altura traspassaua as nuuês, & chegaua com seu cume onde os ventos não podião chegar, donde vierão os Gregos a chamarlhe Olympo, que quer dizer todo resplandecente, porque tem o sol clarissimo, & nã he de nenhũas nuuês ofuscado nem encuberto. Em fim he tão alto, que chamãõ os poetas ao ceo Olympo. Outro disse que a mór cousa do mundo era a agoa, que apagaua o fogo, & enchia a mór parte da terra. Outro disse q̃ o sol, cujo resplãdor cubria a agoa & a terra. Outro affirmou q̃ não auia cousa no mundo tão grande como o coração que despreza cousas grandes. E este me parece a mĩ que lançou a barra mays longe, & excedeo a todos os outros. O alta & muy

Quintil.

Philippe

DA VIDA SOLITARIA

Titulo
sqgilid
muy alta sentença. Dina por certo de grã
de ponderação, & eterna memoria, poys
nos ensina quam baixas sam as altas cou
sas do múdo, & q̃ merece mor gloria que
tem coração pera as desprezar, q̃ quem
tẽ ardil pera as adquirir. Muytos outros
exemplos vos podera trazer & copilar de
gentios tirados de suas antiguas historias
que deixarão grandes riquezas, carregos,
negocios, reynos, & imperios, por se dar á
vida solitaria, os quaes sem nenhũ debate
preferiãõ a solidão á cõpanhia, & mostra
uão ser de mays alto animo desprezar as
coufas & aueres do mundo, q̃ possuylas,
mas por me ferrar de palauras superfluas
& não embeber todo o tẽpo em historias
gentilicas, as quero deyxar, por louuar a
vida solitaria cõ claros & verdadeiros te
stimuuhos das letras diuinas, & historias
ecclesiasticas, & sanctos doctores, se nisto
não leuades desgosto, porque não volo
queria eu dar em coufa nenhũa, ca o meu
desejo, he q̃ o vosso se cumpra. Antes rece
bere-

beremos nisso, disse o Italiano, muyto cõ
tentamêto. porque as letras diuinas sam
& sam mays gostosas & autêticas q̃ as humanas
& sam mays profundas, & fazê mays im-
pressam: basta q̃ as humanas sam dos ho-
mês q̃ muytas vezes se enganão, & enga-
nãõ, & as diuinas sam de Deos, q̃ nem en-
gana, nê se pode enganar. E por isto digo
eu, que os homês que pondo a hũ cabo a
sagrada escriptura, & a lição pia, docta &
deuota, occupãõ o tempo em ler fabulas
& batalhas fingidas, & amores de sonestos
auião mister publicamente castigados,
mas eu vejo que está o castigo delles tam
longe, como elles perto de o merecer.

Bem vejo eu disse o Framengo, que he
tam alta couza a sagrada escriptura, que
teria eu maa desculpa se me quisesse por
a louuar particularmente seus diuinos
mysterios, porque isso seria dar a enten-
der que os entendia, & proseguir mate-
ria tam profunda, q̃ me enfraqueceria o
ingenho, & se pderia logo no principio.

Mas

DA VIDA SOLITARIA

Cicero.

Mas tambem affirmo, que a historia humana he vtil, & muy excellente, a qual Cicero no segundo liuro de Oratore diz que he testimunha dos tempos, luz da verdade, vida da memoria, mestra da vida, annunciadora da antiguidade. Donde secolhe q̃os liuros das fabulas não se ham de chamar liuros de historias, mas de méritas, poys como diz Cicero, a historia he luz da verdade. E bem vejo que se não auia de gastar o tempo em liuros tão profanos & inutiles. Mas as verdadeyras historias seruem pera muytas couças, & dão muytos auisos, & mouem a grandes empresas. E em verdade senhor que summamente folguey de vos ouir tantas historias, pera louuardes a vida solitaria, & também trazidas avosso proposito. Assim como hũ cauleyro, disse o Portugues, se sae ás vezes de seu exercito, & se vay meter no arraial dos ãmigos, não pera se entregar a elles, mas pera ver o que la passa & vir dar auiso aos seus, como espia de vista, assi hũ

**Compara-
ração.**

theolo

theologo pode ás vezes deyxar per algũ
 espaço os liuros da sagrada theologia, &
 ler per hũ liuro d'hũ gentio, não pera se
 entregar a suas gentilidades, & á lição de
 suas historias, mas pera saber o que ha an-
 tr'elles, & vir auisar os seus, como quẽ en-
 trou a espiar o arrayal dos aduersayros,
 não pera ficar cõ os alheos, mas pera tra-
 zer nouas, & dar ardis aos seus. He tã grã-
 de coufa a historia, disse o Italiano, que fe
 necem reynos & senhorios, & ella não fe
 nece, morrem grãdes & pequenos, & ella
 sempre viue, mudãose os imperios & prin-
 cipados, tirãose a hũs, & dãose a outros, &
 em fim todos acabão, & ella fica, & quã-
 to mays velha he, em mays estima se tem,
 porq̃ entãõ tem mays authoridade, quã-
 do he de mais tempo, & porq̃ o não gaste-
 mos em louuar o que per si está louuado
 vos peço senhor q̃ prossigais vossa practica
 corroborando vossa conrusam com au-
 thoridades da sagrada escriptura, ca ella
 he a verdadeyra regoa, & o prumo da

DA VIDA SOLITARIA

verdade, & a doutrina que vay a seu oli-
uel, essa he a direyta, fundada na fir-
meza & perpetuydade.

CAPITULO VI.

¶ Em que o Portugues proua a excellencia
da vida solitaria per authoridades das
sagradas letras.



Dam nosso primeyro pa-
dre em quãto esteve só no
parayso terreal, nã peccou,
como teue companhia, ella
o excitou a peccar, conui-
dando com aquelle mortifero pomo,
Genes. 4 origem de nossas defauêturas. Dos dous
primeyros seus filhos Cain & Abel o Cain
Genes. 4 foy reprovado, & o Abel escolhido. Do
reprovado diz a escriptura que andaua
inquieta & vagabundo, & que fez cida-
de pera morar nella com os seus, mas o es-
colhido amando a vida solitaria andaua
só no campo, pastorando seu gado, offe-
recendo a Deos sacrificios, sacrificando
primeyro

primeyro a si que a elles, & não lemos del-
 le que fizesse cidade, porque a cidade dos
 justos he nos ceos, onde he a sua couersa-
 ção. Que cousa foy mandar Deos ao bõ Genes. 12
 patriarcha Abrahão, que se sayse de sua
 terra, & de seu parêtesco, & da casa de seu
 pay, senão que deyxasse os embarços do
 mundo, & sua propria affeyção & conuer-
 sação, & buscasse hũa vida quieta & soli-
 taria, & a tranquillidade do spirito. Diz
 S. Ambrosio que dizerlhe Deos que se Ambros.
 sayse da terra, foy dizerlhe, que conuer-
 sasse nos ceos, pera que deyxada a conuer-
 sação de negocios do mundo, conuersas-
 se com Deos, & nelle tiuesse fixo opensa-
 mento. (Exijt nesciens quò iret.) Diz S.
 Paulo falando delle na epistola ad He- Hebr. 11.
 braos: como se dislera: Tanto que Deos
 mandou a Abraham, que se sayse de sua
 terra: logo o effeytuou, não curou de se
 por ás chaças com elle, mas hia & não sa-
 bia onde porque nem sabia o lugar, on-
 de o Deos mandaua, nem tinha homẽ,

Gh ij a que

DA VIDA SOLITARIA

Genes.
21.

a que seguisse, mas leuaua por guia a obediencia, que o leuou onde o Deos madaua. E ouue hũ filho per diuina repromissam, o qual lhe Deos mandou que lhe sacrificasse no monte Moria, que quer dizer monte de visão, & alli foy com seu filho Isaac pa o matar, sendo elle o seu vni

Genes.
22.

genito de Sara, & o lume de seus olhos. Bẽ lhe podera Deos mandar que lhe sacrificara o filho em sua propria casa, mas madaarlhe que se sayse della, & que subisse sũo com seu filho ao monte ermo & despouoado, chamado monte da visam, não carece de mysterio. O que me amĩ parece he, q̃ nos quis Deos significar, que nos importa muyto sacrificarmos lhe nosso proprio filho, que he nosso proprio desejo & vontade no fogo do diuino amor, & que o lugar mays conueniente pera isto he o recolhimento & vida solitaria & contemplatiua. Este he o alto monte da visam, onde alma deuota vé grandes mysterios escondidos & encubertos aos que ficão

no fundo ao pé do monte, sem subirem a Deos com o pensamento & affeyção. Diz Chrysoftomo que a solidão he mays duma Chryso.
 que as cidades, & mays resplandecente q̃ todo o vniuerso, & falando de Abraham diz na Homilia trigesima tercia sobre o Genesis: Cuyda rogote quão grãde amador era este patriarcha da quietação & tranquillidade, poys tantos annos auia q̃ goardaua aquillo, q̃ depoyz disse Dauid: Escolhi ser desprezado na casa de meu Deus, antes que conuersar nos paços dos peccadores. Onde Chrysoftomo pela casa de Deos interpreta a vida solitaria & quieta. Vendose Iacob acoitado de tribulações, perseguido de seu irmão Esau, deixou sua conuersação, & foyse de casa de seu pay pera longes terras. E tomando a via de Haran tanto andou per seu caminho pensatiuo & solitorio, que sendo ja tarde d'hũ dia de cansado adormeceo, a tempo q̃ o sol tinha ja de todo escondidos seus rayos, & encerrada sua luz, & vio

Chryso.

Psal. 83.

Genes.

28.

DA VIDA SOLITARIA

perſõhos aquella eſcada diuina, que cõ
 hũa ponta eſtaua na terra, & com a outra
 chegaua ao ceo, em cujo cume eſtaua o
 criador do vniuerſo, aquelle ſol de juſti-
 ça, cuja claridade allumia os ſpiritos, &
 desfaz todas as treuas. Pos ſelhe o ſol vi-
 ſiuel, & appareceolhe o ſol inuiſiuel, fugi-
 rãolhe pera o outro emiſpherio os rayos
 do ſol, q̃ allumia o corpo, & vio os rayos
 do ſol, que allumiã a alma: mudou ſelhe o
 lume dos ſentidos ao entendimento, tro-
 cou ſelhe a claridade exterior pola inte-
 rior, deſappareceolhe o ſol criado & vio o
 ſol que o criara, vio o ſol diuino, de cujo
 reſplandor, proce todo o outro reſplãdor
 como de luz ſempiterna, & fonte da vida
 & ſer de noſſo ſer. Quis lhe moſtrar o al-
 to Deos naquella viſão, que d'elle auia de
 proceder o Mexias Chriſto noſſo Salua-
 dor, verdadeyro homẽ, & que o primeyro
 degrao daquella eſcada era. Abraham, o
 ſegundo Isaac, o terceiro o meſmo Iacob,
 & dahi em diante todos os outros, que
 con-

conta sam Mattheus no principio de seu Matth. 13
 sagrado Euangelho, até vir ao bom IESV
 filho da virgem, sol diuino, que estaua no
 cume da escada abrindo o ceo, que dan-
 tes estaua fechado. Bem lhe pudera Deos
 mostrar este mysterio estando elle em ca-
 sa de seu pay conuersando com seus ami-
 gos & parentes, mas não lho mostrou se
 não indo só, & estando repoufando apac-
 tado de toda a cõuersaçã. E p aqui vereys
 quã excellete he a cõtemplaçã & vida soli-
 taria, q̃ valé mais os sonhos d'hũ contēpla-
 tiuo & solitario, q̃ as vigiliã d'hũ distrahi-
 do negociador. Mas de q̃ seruia contãdo
 a escriptura esta visãõ dizer, q̃ hia Iacob
 caminho de Harã, lugar onde repoufou
 Tharé, senão significar a condiçãõ, q̃ ha-
 de ter quem quiser tomar vida solitaria.
 Harã quer dizer coua, como o affirma
 Philo varão doctissimo, em geraçãõ He- Philo. 7
 breo, mas é doctina Platonico, do qual
 diz Eusebio na historia ecclesiastica q̃ era Eusebio
 copioso nas palazuras & rico nas sentēças.

Hã iij E lam

DA VIDA SOLITARIA

- Hieron.** E sam Ieronymo diz no catalogo dos escriptores ecclesiasticos, q̄ ou Platão philoniza, ou Philo platoniza: o qual prouerbio recita Volaterrano na antropologia.
- Volater.** Poyeste Philo no liuro que fez dos sonhos, onde moraliza este de Iacob diz, q̄ Haran quer dizer coua, & Thare contêplação de cheyro. Esta lapa & coua separada he a vida solitaria & quieta, na qual repousa Thare, porque fomenta nella repousam aquelles, que na contemplação achão cheyro & suaue deleytação. E com estes cõmunica Deos seus mysterios, & os faz thesoureyros de seus segredos: Isto he o que elle diz per o seu propheta Osea falando da alma deuota, & da pessoa spiritual, (Ducam eam in solitudinem, & loquar ad cor eius.) Como se differa. A pessoa que for deuota embebidã em minhas lembranças, eu a leuarey a hum lugar solitario, onde a consolarey, & lhe falarey ao coração. Aos q̄ andão metidos em negocios, bazcolejados
- &

& perturbados, trasséganda com o mundo, fala Deos como de outeyro, como quem lhe brada de longe, mas aos contéplatiuos & solitarios, a que o amor da celestial patria causa tam soydozas lembranças, que os faz herdeyros de muytas lagrimas, fala Deos de tam perto, que está em seu coração praticando com elles, consolandoos & efforçandoos, tendo ante seus olhos as lagrymas que faem dos seus delles. No deserto de Madian andaua Moy Exod. 3. ses goardando gado, quando lhe Deos a pareceo na sylueyra que ardia & não se queymaua, & o mandou por seu embayxador, & o fez capirão géral dos filhos de Exod. 19. Israél. E so estaua no monte Sinay, quãdo salou com Deos, & recebeo delle a sua ley. So estaua Esaias, quando vio o Deos Esa. 6. dos exercitos, & os dous seraphins, que cõ hũas asas o estauão cobrindo, & com outras voando. So no deserto andaua Elias, 4. Reg. 2. & Eliseu, & os filhos dos prophetas, praticando cõ Deos, & triumphando do mundo

DA VIDA SOLITARIA

do. E outros muytos, dos quaes diz sam
Hebr. 11. Paulo escreuêdo aos Hebreos: (Quibus
dignus non erat mūdus, in solitudinibus
errantes, in montibus: & speluncis, & ca-
uernis terræ.) Como se differa: Apartou
Deos a muytos da humana conuersação,
porque não era dino delles o mundo, os
quaes andauão separados dos tumultos,
fogados & segregados da gente, per luga-
res solitarios, embrenhados nas monta-
nhas, & metidos nas couas, & escondidos
nas lapas & concauidades da terra. A
Abrahão tirou o Deos de Chaldea, a Ia-
cob de Mesopotamia, a Moyses do Egy-
pto, a Elias & Eliseuda corte de Samaria,
& aos filhos dos prophetas da conuersa-
ção de Iudea. Em fim q̄ aos seus muyto
amados tira Deos das companhias mūda-
nas, & os leua á vida solitaria, onde lhe
ensina grãdes mysterios. No ermo anda-
ua S. Ioão Baptista, aquelle de q̄ muytos
annos auia q̄ tinha prophetizado Esaias,
que auia de ser hũa voz, q̄ pregasse no de-
ser

Esai. 40.

ser

ferto. E sam Ioão Euangelista no deserto Ioan. 1.
 andaua na ilha de Patmós quando lhe Apoca.
 Deos reuelou o Apocalypse, Per o deser- lypsi. 6
 to hia o eunucho de Candaces raynha da
 Ethiopia, quãdo vindo de Ierusalem lhe
 appareceo S. Philippe, & lhe declarou a es-
 criptura, & o baptizou, & instruiu nas
 cousas da fé, como o conta S. Lucas nos Act. 8.
 Actos dos Apostolos. Mais aprendeo em
 hũa hora do deserto, que todo o tempo q̃
 estiueira na cidade. Pera q̃ he mays senão
 que Christo nosso Redemptor mestre ce-
 lestial se apartaua muytas vezes a lugares
 solitarios, pera nosso exemplo & instru-
 ção, como contão em muytos lugares os
 Euangelistas. E sam Mattheus diz que se Matth. 4.
 foy ao deserto guiado do Spiritu sancto,
 querendo nisto significar que o Spiritu
 sancto he o que nos guia pera o recolhi-
 mēto & vida solitaria: & pelo cōrrayro q̃
 o diabo he o q̃ aos solitarios & recolhidos
 guia p̃a as cidades & negocios do mūdo,
 porq̃ o mesmo Euangelista diz q̃ o diabo Matth. 4.
 guiou

DA VIDA SOLITARIA

guiou a Christo pera a cidade, pera ver se
 o podia derribar do pinaclo do templo,
 porque seu officio he trabalhar por derri-
 bar os solitarios & contemplatiuos, & me-
 telos em negocios & distrahimentos, pera
 os vir a sepultar em seus proprios appeti-
 tes. Isto quis significar a diuina escriptura
 no liuro dos Numeros, quando diz, que
 saydosos Israëlitas do monte Sinay vie-
 rão ter aos sepulchros da concupiscencia:
 porque muytas vezes se acontece q̄ say-
 dos os religiosos & homẽs recolhidos da
 vida quieta & contemplatiua significada
 pelo alto monte Sinay, se dão de tal ma-
 neyra a negocios superfluos & perigosos,
 que pouco a pouco se vem a desordenar,
 até virem a morrer no mundo, & sepultar
 se em suas proprias concupiscencias, per-
 dendo a si & a Deos, sem confirarem o q̄
 perdem em o perder. E he de notar q̄ on-
 de a versam commũ tem sepulchros de
 concupiscencia, tem os setenta interpre-
 tes memoria de desejo: & tralo sam Iero-

Hieron.

nymo

nymo no tractado das mansões dos filhos de Israël, porque a deleytosa & enganosa lembrança procedida do deprauado desejo he hũa sepultura, onde os maos sendo viuos andão enterrados. E pera vêcer estes desejos, & cortarhe as rayzes, & ter dominio sobr'elles, & sobre nos mesmos, he mays conueniente a solidão quieta, que a companhia distrahida. Isto he o que diz Jeremias nas lamêtações. ¶ *Sedebit solitarius & tacebit, quia leuabit se super se.* Estará assentado o solitario, & calarse ha, porque se aleuantarã a si sobre si. Os que andão nas cortes cegos com os fumos de soberba, vencidos de ambição, vagueão com trabalho, & o solitario & contemplatiuo está assentado com repouso. O ambicioso nũca acaba de falar em seus negocios, & o solitario retrahido está calado a elles, porque assicomo a continua pratica sobre embaraços & vaydades he a libré dos negociadores, assi o silencio he o trayo dos solitarios. Os negociadores

am

Thren. 3.

DA VIDA SOLITARIA

ambiciosos trabalham por imperar aos outros, mas o solitario liure de ambição, trabalha por imperar a si mesmo. Isto he o q quer dizer. Estará assentado o solitario em silencio, porque se aleuantarà a si sobre si. Não se aleuantarà com fantasia sobre os outros nem meterà as velas de sua presumpçam, mas vencerà a si mesmo, o spirito dominarà sobre a carne, & o homẽ nouo, que he segundo Christo, vencerà & abaterà o homem velho, que he segundo Adam. E assi estando hum contemplatiuo na terra estará conuersando nos ceos, tam morto ao mundo & viuo a Christo, que possa dizer com o

Galat. 2. Apostolo: Vivo eu, ja nam eu, mas viue Christo em mi. Esta he a causa: porque o

Jerem 9. sanctificado Ieremias lume dos Israelitas dizia noutra parte. (Quis dabit me in solitudine diuersorium viatorum, & derelinquam populum meũ, & recedam ab eis.) Como se dissera: Quem me desse estar num deserto, & que tiuesse hũa lapa
onde

onde se metesse, na qual não entrassem
se não algũs peregrinos, se per acerto per
acerto per hi passassem: & isto pa eu de-
xar o meu pouo, & apartarme da gente.
Isto dizia o bom Propheta pera declarar
seu concepto, & explicar quanto deseja-
ua a vida solitaria, ca como diz sam Ber-
nardo, a boca he porta & seruentia do co-
ração.

CAPIT. VII.

¶ Em que o Portugues mostra per claros
& manifestos exemplos de sanctos
do nouo testamento a excellência
da vida solitaria.



Mundo auemolo de dey-
xar anres que elles nos dei-
xe, porque nos não tome a
noyte da morte nos falsos
prazeres da vida. E pa isto
conuem buscar hũa vida retrahida & so-
litaria, o que eu prouatey per exemplos
dos sanctos, além das authoridades das sa-
grada escriptura, que pera isso alleguey.

O grande Onofrio, como conta Sabeli-

Onofrio
Sabelico

co

DA VIDA SOLITARIA

co, tanto se meteo pelos asperos & medonhos desertos, que sesenta annos não vio homẽ nẽ molher. Alli andaua só naquelles ermos, & noua região, per onde nunca andára gente, chea de espãtos & terribeyes temores, se se pode dizer só aquelle, com quem Deos estaua. Alli habitaua esperãdo a fim da vida, pera começar a vida, que não tem fim. Alli andaua cõ os olhos feytos alambiques, per onde se estillaua seu coração, contando aquillo do Psalmista: [Singulariter sum ego donec transeam.]

Psal. 140. Como se dissera: Assi andarey solitario até que passe desta vida pelo cays da morte, pera a região da verdadeira vida. Bem auenturado sancto, poys deyxando a companhia dos homẽs entrou na dos Anjos, bem auenturada troca, & gloriosa commutação. Isto moueo a S. Paulo primeyro ermitão, & a S. Antão, & a outros sem conto, que fugirão do mundo pera os desertos, onde andauão sòs rezando & cõtemplãdo, sem quererẽ mays q̃ a Christo.

O glo

O glorioso S. Ieronymo deyxou Roma Hieron.
 cõ seus prazeres, & foyse a hũ ermo mal
 affombrado, cheo de todos os temores, q̃
 as cousas espantosas tem, onde não auia
 ribeyras de leytofas, nẽ aruores sombrias,
 mas grandes penedos maystristes & me-
 lanconizados q̃ alegres & graciosos ao pa-
 recer da vista. Mas o amor de Christo lhe
 fazia parecerlhe tudo aquillo suauẽ & de-
 leytofo. E tão contente andaua naquelle
 ermo, que em hũa carta, q̃ dalli escreueo
 a Heliodoro, diz: O deserto alegre & re-
 ueftido de flores de Christo! O solidão na
 qual nascẽ aquellas pedras, das quaes he
 edificada a cidade do grande Rey, de q̃ fa-
 la S. Ioão no Apocalypse. O ermo onde Apoca-
 mays familiarmente se gosta de Deos! E lyp. 21.
 noutra epistola, em q̃ relata a Eustochio
 a vida, q̃ elle mefmo passara no deserto,
 diz estas palauras, ou outras equiuales.
 Alli estaua eu assentado só, mas acompa-
 nhado de tristeza, metido nũ sacco o dis-
 forme corpo, todo negro & queymado cõ

DA VIDA SOLITARIA

os ardores do sol. Cada dia erã meus
olhos cõuertidos e fontes de viuas agoas,
& meu coração delido em suspiros & la-
grymas, com que regaua o meu leyto, q̃
era a nua terra, onde cõstrangido do sã-
no lançaua os debilitados ossos, q̃ escassa-
mente se tinham hũs com os outros. Lem-
brame que muytas vezes orando em al-
ta voz ajuntaua o dia com a noyte, & ho-
ra me metia nas furnas & concauidades
dos valles, hora subia aos cumes dos fra-
gosos montes, hora me metia nas abertu-
ras das altas rochas. Aq̃lle era o lugar de
minha oraçã, & o carcere da misera carne.
E Deos me he bõa testemunha, q̃ depois
de muytas lagrymas, depois d̃ ter os olhos
pregados no ceo, algũas vezes me parecia
que me achaua antre as companhias dos
Anjos, & embebido naquelle contenta-
mento cãtaua dizendo aquillo q̃ diz a es-
posa nos Canticos: Apos vós correremos
em o cheyro de vossos perfumes. Até qui
he de sam Ieronymo. Quẽ não ve quãto
mór

mór. contentamento tinha este sctõ no deserto, onde aleuantado sobre si se achaua conuersando com os Anjos, que o q̃ tem os negociantes carregados de vãos cuydados, & perigosos negocios, conuersando com gente da mesma estofa. A tristeza q̃ elle diz q̃ alli tinha causada das lembranças das offensas, que no mundo se fazião a Christo, era pera elle cõtentamêto. Os peccados do mûdo lhe causauão dor, & esta dor lhe daua alegria, & se cõ esta alegria tinha pesar, tinhao porque o não tinha tãmanho como desejava, & este pesar era pera elle gosto, & este gosto q̃ tem os sanctos no deserto he mór sem cõparação, q̃ o q̃ tem os peccadores nas cidades. Diz S. Bernardo aquelle doce & contẽ-

Bernard

olvid

DA VIDA SOLITARIA

os animava, & lhe ensinava & de-
grãdes segredos & mysterios, porque, co-
mo diz Chrysofomo: O lugar idoneo &
accõmodado á philosophia Christãã he a
solidão: E pelo contrayro os dados a nego-
cios terreacs trazem abatidos & trastor-
nados os espiritos, & quãto mays occupão
os sentidos nas cousas da terra, & enclinã
os pensamẽtos a cousas baixas, tanto me-
nos alleuantão o entendimẽto ao ceo, &
penetrão cousas altas, porq̃ como diz sam

Gregor. Gregorio, Alma carregada de cuydados
de bayxo não se alleuanta ás cousas de ci-

August. ma. Isto entedia bem S. Augustinho quã-
do dizia, q̃ a solidão era necessaria á nos-
sa mẽte. E com razão, porque alli ha mais
azopera a virtude, & menos occasião p̃a o

Chryso. vicio. Dõde diz S. Ioão Chrysofomo na
terceyra Homilia sobre S. Marcos, decla-
rando aquellas palauras: [Spiritus expu-
lit eum in desertũ:] O Spirito sancto não
mora de bõa võtade onde ahi turbas, &
ajuntamẽtos, & dissensões, & contendas,

ma

mas com o Spirito sancto propriamente
 por alicento a solidão. E S. Ieronymo diz Hierón.
 q̄ na solidão se euitã muytos peccados. O
 Petrarcha chama á vida solitaria castello Petrarc.
 goarnecido de munições, & porto pa to-
 das as tēpestades. Sam Ioão Chrysofomo Chryso.
 aquella boca d'ouro, aquella fonte de elo-
 quēcia, aquella cume de virtude, naquel-
 le breue tractado q̄ faz da comparação
 do Rey com o solitario diz, que mays bē-
 afortunado he hũ solitario sem cõpanhia
 que hũ Rey acompanhado, porq̄ el Rey
 tem dominio sobre as cidades, & o solita-
 rio sobre os vicios, el Rey tem coroa d'ou-
 ro, & o solitario de virtudes: hũ trabalha
 por não ser dominado dos homēs, outro
 por não ser vencido dos peccados. O soli-
 tario lé pelos liuros dos sanctos, que o en-
 finão & desenganão, dizēdo lhe liuremēte
 a verdade, está cõmunicando & conuer-
 sando com Esaias, com Ieremias com S.
 Ioão, com S. Paulo, cõ o mesmo Christo.
 E hũ Rey tracta com homēs q̄ lhe mentē,

DA VIDA SOLITARIA

& o lisongeão, engrandecendo o lou-
 uores forjados na officina de seus enga-
 nos, & finalmente ouue gente de que el-
 le mesmo senão fia, porque este mal tem
 os principes, que não tem quem lhe ouse
 dizer a verdade descuberta. Pera que he
 may senão que ouue hi papas, como foy
 Celestin. Celestino glorioso varão, & outros algús,
 que deyxarão & renunciarão o summo
 Pontificado, & se derão á vida solitaria, os
 quaes estão no ceo reynando com Chri-
 sto, & a igreja regida pelo Spirito sancto
 os canonizou, & pos no catalogo dos san-
 ctos. E poys tão claros & illustres varões,
 de tanta doutrina & erudição, & de tanta
 virtude & sanctidade, deyxarão a vida pu-
 brica pola solitaria, & a engrandecem cõ
 summos lououres, & preferẽ os pobres er-
 mos aos ricos reynos, necessario he que
 concedamos ser a solitaria may excellẽ-
 te que a publica. Porque a summa de nos-
 so proposito ha de ser, que digamos o que
 sentirmos, & sintamos o que dissermos.

CAP

CAPITVLO VIII.

Do proueyto do silencio, & do perigo da
muyta pratica, & do engano & vay-
dade do mundo.



E he verdade, disse o Ita-
liano, o que diz Aristote- Aristot.
les, que ao sabio nenhũa
couza he noua nem pere-
grina, eu confesso q̃ o não
sou, porque dissestes vos muytas pera mí
de muyta nouidade & admiração em lou-
uor da vida solitaria. Mas hũ defeito acho
eu nella, & he falta de pratica & conuer-
sação, & parece que hũ solitario não terá
contentamento, por não ter com quem
o ter, porque sem duuida pera mí não ha
couza mays gostosa que praticar & con-
uersar com homẽs discretos, em especial
se sam lidos, & de rara erudição. Isso he ver-
dade, disse o Framengo, porque onde não
hai pratica, não pode auer gosto perfeito.
E pera proua disto não quero mays que
esta, que aqui tiuemos. Que gosto ahi

Li iij que

DA VIDA SOLITARIA

que se possa igualar com o desta pratica? Como podéra eu saber quantas cousas boas aqui ouui, se não fora esta cōmunição? Mas como as dissera eu, disse o Portugues, se as não aprendera no repouso solitario? Dizey vos, disse o Framengo o que quizerdes, que eu digo que a conuersação & bõa pratica he hum doce pasto pera a alma, & que deyxala, & tomar vida eremitica, he grande tormento, poys he tirar ao coração aquella familiaridade & doce companhia, que foy largo tempo o mantimento, com que elle se sustentaua, per onde está claro que o solitario apartado de toda a conuersação sempre lá andarás suspirando por cousas de seu contentamento, saluo se de todo o perdeo das do mundo. Nam hay que debater, disse o Italiano, se não que he a pratica cousa excellēte, poys nos foy dada pera explicar nossos conceptos, assi como nos foy dada a escriptura pa explicar nossa pratica, & como nossos conceptos sam

varias

varios conuem cōmunicalos com varias
 pessoas, porque a pratica ha se de accom-
 modar aos ouuintes. E isto tem os q̄an-
 dão nas cortes dos principes, & seruem
 a senhores, que achão diuerfas pessoas cō
 que praticar, o que tem todos os que tra-
 tam negocios, & tē vida politica, que he
 impossivel na solitaria. E pois nella se per-
 de o bem da pratica, coufa tão proueyto-
 sa & necessaria pera a vida humana, não
 sey que razão hi ha, pera dar tam excessi-
 uos lououres a quem está longe de os me-
 recer. Hũa aruore disse o Portugues, se

Compa-
 raçam.

lhe alimpays o tronco, sobe mays pera ci-
 ma, & faz se mays fructifera, quãto se lhe
 corta das vergontas debayxo, tãto se lhe
 acrescenta nos ramos de cima. Assi o soli-
 tario quanto vay mays cortando das con-
 uersações & contentamentos humanos,
 tanto vay mais acrescentãdo & subindo
 per cōtemplaçam aos diuinos. Assi como

Exod. 16

Deos nam deu o mannà & pão do ceo
 aos filhos de Israél, senam depois que se

DA VIDA SOLITARIA

lhe gastou a farinha do Egypto, assi nã dá
 Deos aos homẽs consolações spirituaes,
 senão depoyes que deyxão as corporaes, ca
 repunha auer em hũa alma no mesmo tẽ-
 po duas consolações cõtrayras hũa a ou-
 tra: & quãto mays os solitarios deyxão as
 da terra, tãto mays alcanção as do ceo. E
 pelo contrayro os q̃ andão nos paços dos
 principes inquietos & derramados seruin-
 do a senhores, ou negociando suas cousas
 quanto mays buscão descãso, tãto menos
 o achão porque q̃ querẽ repoufar em cou-
 sas que não tem repouso, & estancar com
 suas pequenas mãos os grandes rios das
 cousas do mundo, que vão com cõtinaua
 furia & inundação dar cõsigo no mar da
 morte. E as mesmas praticas & conuersa-
 ções os bazcolejã, & inquietão, & entriste-
 cem, & lhe gerão mil desgostos, & contẽ-
 das, & odios, & enuejas, & dissensões, &
 muytos outros males. Os ryos nas fontes
 se podem tapar ou desuiar, mas depoyes q̃
 se ajuntão agoas com agoas, cheas com
cheas

heas, he tãmanho o impeto, que leua &
 destrue quanto acha diante: Assim as con- **Compara-**
 tendas & perfias se podẽ logo atalhar no **çam,**
 principio, & soldar quaelquer quebras,
 mas depois q̃ se ajuntão palaurascõ pala-
 uras, injurias cõ injurias, erros cõ erros, vẽ
 tã arrebatado o rio da indignação, & cõ tã-
 ta furia, tendo tantas acolhidas de ira, &
 rancor, q̃ destrue os campos das vidas &
 das almas. Não sey qual he a causa, porq̃
 tanto louuays a lingua & apratica, porq̃
 caso que algũas vezes aproucytão, pola
 mór parte danão. Dizia Simonides, co- **Simoni-**
 mo refere Plutarcho, que de calar lhe **des.**
 não pesara nunca, & de falar se arrepen- **Plutarc,**
 dera muytas vezes. No liuro da criação
 dos filhos diz o mesmo Plutarcho, que o
 silencio bem ordenado he grande sabe-
 doria, & de mór excellẽcia que a pratica.
 Plinio diz que não he menos de orador **Plinio.**
 saber calar que saber falar. Pittaco diz **Pittaco,**
 que quem não sabe calar, não sabe falar.
 E daqui veo Pythagoras, aquelle que foy **Pythag.**
 tão

DA VIDA SOLITARIA

tão auaro de palauras como prodigo de obras, a ensinar a calar, afficomo outros ensinão a falar. De maneyra que a sua rethorica mays cõlístia em saber calar, que em saber falar: porq̃ entédia elle bẽ quãto mal faz a lingua & as muitas palauras. E porque não seja tudo allegar cõ as dos

Prouer. 10. gentios, digo q̃ Salamão o mór sabedor dos mortaes diz nos Prouerbios que o muyto falar não he sem peccado, & que o que refreia sua lingua he prudentissimo.

Prouer. 18. Enoutro lugar dos meimos Prouerbios diz, que a morte & a vida estão nas mãos da lingua. A boca ha de ser fechada com aldraua da prudencia de tal maneyra, q̃ primeyro as palauras toquem na razão q̃ na lingua, & não fayão sem licença do juyzo, que ha de goardar a porta da boca.

Psal. 140 Isto he o que dizia o Propheta no Psalmo: Ponde Senhor goarda a minha boca, & porta de circunſtancia a meus beyços. Lede a diuina eſcriptura, tomay na mãos os liuros dos sanctos doutores, & ve

reys claramente quam grande conta de-
 uemos ter com as palauras como cõ des-
 cobridoras dos corações, ca como diz o
 antiguo prouerbio: pelo canto se conhe-
 ce a auc. Sancto Ambrosio no seu primei **Ambros.**
 ro dos officios diz que sabio he o que sa-
 be calar, & que nos he necessario apren-
 der a calar. E á verdade elle a diz, porque
 o silencio não dána a ninguẽ, & o muyto
 falar faz mal a muytos. Não ha espadas
 no mundo que mays sangue tirem, & q̃
 mays gente matem, que más lingoas. A
 lingua he de feyção de ferro de lâça, mas
 muyto mays perigosa & dãnosa, porque a
 lança fere o corpo, & a lingua a alma: a
 lança põe em risco & a vida, & a lin-
 goa destrue a honra: a ferida da lança
 facilmente se cura, mas a rotura da fama
 tarde ou nunca se solda. Muyta conta se
 deue ter com a lingua. Boca que sempre
 fala, he bolsa sem cerraes, & porta sem fe-
 rolho. No liuro dos Numeros manda- **Num. 19.**
 ua Deos que a panella do defunçto que
 estiuẽs

222 DA VIDA SOLITARIA

estiuessse sem çapadeyra fosse immunda
 Que cousa he mãdar Deos que a panel-
 la nam estiuessse cõ a boca descuberta, se-
 nam mandar que cerremos as bocas, &
 tenhamos grande recado na lingoa? Mas
 isto nam fazemos nos: & o q̃ pior he que
 pola mór parte quanto cada hũ tem me-
 nos de sciencia, tanto tem mays de pra-
 tica, & ás vezes tam solobre per cima de
 escandalosa, que se nam pode nem deue
 soffrer, em especial quando os q̃ falam se
 põem a desembuçetar seus maos p̃sãmẽ-
 tos, & seus odios & iras, & enuejas, porq̃
 a enueja he a pedra daguçar, em que se
 afiãõ as lingoas dos maldizentes, pera
 cortar famas & honras alheas, tendo nas
 suas bem que coser & cerzir, & ainda que
 remêdar. E he cousa estranha, que como
 os praguêtos encetam ashonras dos bõs,
 nam descansam até que de todo as nam
 atassalhem & espedacem, & assi andam
 matando famas viuas, & fazendo dellas
 a natomia no mũdo, sem se lembrarẽ de
 cor

conta, q̄ lhe Deos ha de pedir, como ho-
mês q̄ cuydão que nũca hão de morrer, &
que tẽ a vida por sua pa sempre de juro &
herdade. E daqui vẽ a nũca se emendarẽ,
antes murmurão cadauez mays, ceuando
se em roêr famas de virtuosos: & assi gastã
suas vidas em falar nas alheas, roubando
& pôdo a sacco as honras dos homens, falã-
do tão sem tino q̄ o perdem, tirando as re-
deas á lingo. Assi como os vasos vãos tinẽ
mais q̄ os cheos, assi os ignorãtes pola mor-
parte falão mays q̄ os discretos, & fazem
mays mal. Assi como o rio q̄ muyto enche
& sae de madre, faz muyto lodo, assi o q̄
muyto fala, & se espraia em palauras su-
perfluas & odiosas, cuja a muytos & muy-
to mays a si. S. Ieronymo diz q̄ auemos de **Hieron.**
confirar muyto tempo o q̄ ouermos de
dizer em pouco, porq̄ depois nos não pe-
se de termos falado. E nisto não abi q̄ de-
bater, poys está claro que ahi taes, que
lhe seria melhor não ter lingoã, poys o
melhor que dizem he o que não dizem.

Sam

DA VIDA SOLITARIA

Gregor. Sam Gregorio diz, que bem fala quem bem cala. As muytas palauras sam muytas vezes dânofas & perniciosas, ou ao menos ociosas & desnecessarias, & por isso se deuem de euitar, porque como diz sam

1. Cori. 15. Paulo: As palauras más corrompem os costumes bõs. E por não gastar muytas palauras em as reprehender, áto todas estas cõ aquelle nó das de Christo que diz, que de toda a palaura ociosa auemos de dar cõta no dia do juyzo. Se nos hão de pedir conta das ociosas, que será das pestíferas? E poys as muytas vem a parar muytas vezes em pestíferas, ou quando menos em ociosas, pera que he desejalas, nem louualas, senão temelas? Logo pois a pratica he perigosa, & o silencio seguro, não me parece que tendes razão de vituperar a vida solitaria, por lhe faltar a pratica & cõuersação. Quanto mays que os solitarios calando falão com Deos, & andando sós estão acompanhados de virtudes. E pelo contrayro os distrahidos & trastornados

falando

falando estão mudos, & acompanhados
estão sos, porque nem falão com Deos,
nem têm companhia de virtudes. Mas se
com tudo isto vos não contentar a vida
totalmente solitaria, nua de toda a prati-
ca & conuersação, como he a eremitica,
ao menos cõten teuos a vida solitaria dos
retrahidos, que tẽ a seus tempos suas ho-
nestas & doces conuersações com pessoas
raras & virtuosas, alheas de interesses &
negocios mundanos, gastando a mor par-
te do tẽpo em seu recolhimento & solidão,
vsando mais de soliloquios, que de collo-
quios, porq̃ os muitos colloquios, em espe-
cial se sam odiosos, causam muyta torua-
ção, & os muytos negocios & trafegos ge-
rão desgostos, escalão a cõsciencia, & in-
quietão o coraçã, fazendo andar á caça
com grande perfia, sem matar com ella se
não así. E daqui vem viuerẽ muytos muy
descontentes, & dizerem mal da vida que
tem, & quererem emendar o mundo ca-
da hũ ao seu modo, cõforme a sua tenção

DA VIDA SOLITARIA

Nazáze.

sendo elles os q̄ auião mister emendados.
 Diz S. Gregorio Nazázeno, q̄ assicomo
 hũ homẽ muyto enojado sayndo do mar
 em terra fica embaraçado, & parecelhe q̄
 toda a terra se moue, & anda ao redor, nã
 porq̄ a terra se moua, senã polo mouimẽ-
 to que elle traz cõsigo causado do moui-
 mento do mar, q̄ lhe moueo os humores,
 assi hũ cortesaõ murmura do paço, & dos
 principes, & blasfema da pouca justiça, &
 quer reger & emẽdar os viuos & os mor-
 tos, parecendolhe q̄ anda toda a terra er-
 rada & toruada, como á verdade isto lhe
 venha d'elle ser o q̄ anda toruado & en-
 joado, mouido de mil impetos & descõ-
 tentamentos. Que gosto pode ter, quem
 ha cada dia d'ouuir más repostas, auer
 maos despachos, indinar-se contra hũs, so-
 frer contra vontade os outros, ver perdi-
 dos seus pprios seruiços, & cortados pel-
 la rayz todos os garfos de suas esperanças.
 Com que repouso pode viuer o triste do
 coração, q̄ está feyto hũa fragoa, onde se
 forjão

forjão seus desejos nũca cõpridos, & hũa bigorna, onde se martellã seus trabalhos nũca acabados? Quant'eu não sey q̃ cõtimentos podem ter homẽs que hora ardem com desejos, hora se congelão cõ desesperações, hora rim sem vontade, hora chorão com ella, homẽs que seruẽ, sem saberem porq̃, que nem se entendem, nẽ facabão de determinar, varios nos pensamentos, vãos nos desejos, impacientes nos trabalhos, esquecidos quanto aos fauores rotos nas palauras, injustos nas obras enredados em tratos illicitos, sofrendo cada dia mil desauenturas, sem lhe poderẽ dar fim: antes por lho ellas nã darẽ, andã apõtoando a vida cõ tão fracos espequens, como sam os de suas enganofas esperanças. Grande merce faz Deos a quẽ tira destes labyrintos, & lhe dá hũ pobre casal, onde laure em terra sua cõ boys seus, negociãdo cõ os cãpos, q̃ nũca dão má reposta, onde viua cõtente a seruiço de Deos, tirãdo se de gastos superfluos, esquecẽdo injurias

DA VIDA SOLITARIA

refreando palautas, atalhando a defejos, pondo limites a appetites, cortando esperanças, vigiando os dias com alegria, & dormindo as noytes sem sobrefalto, & finalmente onde defcanse, não fazendo caso do mundo, que o não faz de ninguem, mas tendo conta com Deos, que a ha de pedir a todos. Que mays quer que isto, quem ve, que lhe vay continuamente foggindo a vida, & que o vay sempre seguindo a morte? Esta he a verdade, o contrario engano. Que mays quer hũ Christão, q ter em paz hũ pão, com que se possa sustentar, & hũ modo de vida quieto, com que possa acudir a suas necessidades, & servir a Deos em quietação? O que descanso he o da vida solitaria, que tranquillidade, q contentamento! Quẽ isto quiser ver ponha os olhos nos trabalhos & distrações dos seculares renoltosos, & verá a merce, que Deos faz aos solitarios quietos. Aleuantase de madrugada hũ negociante, matinado de seus cuydados, que até no
somno

somno não dormem, alheo de todo o re-
 pouto, solto do ceo, & atado com a terra,
 & a primeyra coufa, que faz, he cuidar em
 suas trampas, vrdir teas, fazer redes, em q̄
 cuydando que enreda a outros enreda a
 si finalmente a primeyra coufa que cuy-
 da he como ha d'offender a Deos. Aleuã-
 tafê hũ folitario acordado ás vezes ao tō
 dos roufines & outras aues musicas, que
 em amanhecêdo o espertão com fuas al-
 uoradas & fuaves cantos, com que estão
 louuando ao criador, & em se erguendo
 a primeyra coufa, que faz, he encomêdar-
 fe a Deos, & occuparfe em feus louuores,
 & pondo os olhos no ceo suspira pola pa-
 tria celestial, reza o officio diuino, & cum-
 pre cō fuas costumadas meditações & cō-
 templações, & com isto ceua feu coração
 deleytandose grandemente com o fuave
 pasto do spirito. Que gosto ha no mūdo,
 que se possa com este da vida solitaria cō-
 parar? Queriquezas ha nesta vida, q̄ co-
 tejadas com estas, uão fiquẽ area, ou outra

DA VIDA SOLITARIA

coufa desta qualidade? Tudo isto terá
 quẽ quizer acabar de conhecer o mundo
 & fugir de seus enganõs, & desprezar suas
 vaydades, & telo por coufa, q̃ em nenhũa
 faz assento & firme aliceece. Ao mũdo se
 me crerdes, nã lhe creais, porq̃ tẽ por ma-
 nha enganar a quẽ lhe mais cre, de baixo
 de pouco ouro escõder muytas fezes, sob
 color d'hũa verdade dizer mil mêtiras, cõ
 hũ breue gosto misturar dez mil desgõ-
 stos, & finalmẽte pcurar mores males, aos
 q̃ engana cõ esperanças de mores bẽs. Pe-
 ra q̃ he crer ao mũdo, poys he enganador,
 pera q̃ he seguilo, poys vay errado, pera q̃
 he seruilo, poys he ingrato, pera q̃ he ama-
 lo, poys he ãmigo? Elle abate os altos, &
 alleuanta os bayxos, honra os infames, &
 infama os famosos, tira as dinidades aos
 bõs, & dá as aos maos: de maneyra q̃ o me-
 recelas he a principal parte pa não alcan-
 çalas, porq̃ mede elle os merecimẽtos nã
 cõ a vara da verdadeyra justiça, mas cõ a
 medida da falsa opiniãõ. He tã má coufa
o mun

O mundo q̃ os seus proprios enlea & engana, falo pera os desfazer, & impinaos para os derribar: & assi andão sem se entenderem, semelhãtes ao fumo, q̃ sobe & sobe, & em fim na mór altura se desfaz. Que se pode esperar do mūdo, poys a sua esperança he desesperada, a sua alegria he triste, a sua paz he discorde, a sua hōra he infame, a sua vida he morte, o seu bẽ he mal? Poys he destruydor de virtudes & fauorecedor de vicios? Que se ha d'esperar do mūdo, poys aos seus mesmos destrue? Os males faz lhos por lhos fazer, & os bẽs por lhos tirar, & consente que ganhẽ, pera q̃ percãõ, porque ja mays dá a mão pera subir que não de de pépera derribar. E cõ tudo isto acha muytos q̃ o siruão, os quaes de muyto inflammados na eubiça & ambição de suas cousas não acabão de entender seus enganos. E andão tão longe de deyxarem carregos & officios inquietos & perigosos, que antes os buscão per fas & per nefaz, lem lembrança de

DA VIDA SOLITARIA

seruiço de Deos, senão so por satisfazer
 a sua opiniam, a que elles falsamēte cha-
 mam honra, & por comprirem cō suas
 vaydades & sp̄ritos mūdanos. E sobr'isso
 litigã & contendē como sobre cousa hō-
 rosa & vtil p̄ a cōsciência. Assim como deus
 Compa. raçam. nauégantes q̄ çoçobrado o nauio se lan-
 çaram ao mar, querendo contēder sobre
 qual leuaria hũa grande pasta de ferro
 dourado, se perderam porque ella cō seu
 peso os leuou ao fundo, & os que a nam
 quiseram, escaparam do naufragio, & se
 saluaram em terra, assi os que debatem
 sobre magistrados & carregos pubricos
 çoçobrado o nauio de seu repouso, se
 perdē nas duuidosas & perigosas ondas
 do mar do mundo, sem verem que as di-
 gnidades, que pretendem, sam pastas de
 ferro, que ainda que de fora resplande-
 çam com o ouro das apparências de hon-
 ra, todauia com seu peso os enleam, &
 metem no fundo, & aquelles escapam do
 naufragio, que conhecendo os enganos,

&

& embaraços do mundo, nam curam de
 tuas pastas douradas per fora, mas tem
 conta com suas proprias cõsciencias, &
 se saem a terra firme da vida solitaria.
 Bem sey eu que taeshahi que com os pu-
 bricos carregos & governanças se saluam
 porque vlam bem delles, mas eu nam fa-
 lo senam daquelles que mouidos de am-
 bição, os possuem, ou ao menos desejam.
 E seme diller des q̄ estes podem ter tanta
 força, que nadé com as pastas nas mãos,
 digo que onde ha ambiçam nam hai for-
 ça, mas fraqueza, & q̄ toda a soberba he
 pusillanidade. Quanto mays que eu
 nam falo de sua força nê esforço, senam
 de sua inquietaçam & descontêtamêto.
 Como he possiuel viuerem elles quietos
 & contentes, poys nada os satisfas & to-
 das essas honras lhe parece inda pouco,
 & lhe fazem mays sede doutras mayores
 & sempre se dá por agrauados, & se quey-
 xam do mundo, & dizem mal da vida?
 Sempre lhe parece que lhe tiram o que

DA VIDA SOLITARIA

se dá a autrem, não me dem as merces, q̃
 lhe fazem com seus seruiços & merecimē
 tos, mas tudo he fazer comparações de si
 aos outros, todos querem entrar em com
 paração, & ninguẽ se quer medir per si.
 Daqui vem muytos a viterẽ com o cora
 ção fistulado per dentro cõ mil desgostos
 & muytas vezes por ver se podem alcan
 çar o que pretendem, trabalham por pare
 cer bem a quem não querem nenhũ, mu
 dandose em mays cores q̃ poluos, & quã
 do vem que nem isto lhe aproueyta, per
 dem totalmente o repouso. Chamalhe o
 Apostolo Iudas Thadeu ondas do mar
 brauo, que se desfazem nas escumas de
 suas confusões, & estrellas erraticas de va
 rios mouimentos diferentes do das fixas
 situadas no firmamento. E com estes mo
 uimentos & inquietações andão bazcole
 jados, & trastornados, & confusos, até q̃ o
 mundo enfadado ja de os enganar os vê
 de todo a destruyr. Pera q̃ he logo cõfiar
 no mundo, senão deyxalo, antes que nos
 deyx

Iud. i.

deyx. E pelo mundo não entendays que entendo as criaturas em suas naturezas, mas os males, & os que os seguẽ, que sã aquelles que trazem as almas mortas em corpos viuos, ca como diz sancto Augusti- August.
 nho falando do que pelo peccado mortal mata spiritualmẽte sua alma, o seu corpo viuo he sepultura de sua alma morta.

CAPITVLO IX.

¶ Em que o Portugues mostra os enganos do mundo, & a pouca confiança, que nelle le ha de ter, per exemplos das historias antigas.



Pera que claramente vejais os enganos do mundo, que rouolos mostrar polas humanas historia. O rico Cresso Cresso.
 Rey de Lydia alcançou tão grandes aueres, & em tão menos tempo, do que parece que a vontade os podia desejar, que não duidou chamar se feliciss

DA VIDA SOLITARIA

Solão,

cissimo. E mostrando hũa vez seus the-
 souros ao philosopho Solão legislador dos
 Athenienses perguntoulhe se sabia alguẽ
 mays bemauenturado que elle: ao qual
 Solão respõdeo que si, & nomeoulhe cer-
 tos homẽs ja defunctos de bayxa sorte,
 mas que viuerão & morrerão bem, porq̃
 esta cousa não consistia em riquezas, senã
 em perseuerança de bondade: E disse que
 aquelles tinha por mays bem auentura-
 dos quelle, porque caso que fossem bay-
 xos na estofa, forão altos na virtude, &
 acabárão nella com honra, & q̃ elle não
 sabia que fim aueria. E por tanto q̃ senão
 podia chamar bem auenturado, poys em
 quanto viuia neste miserauel valle, por
 alto, rico, & poderoso q̃ fosse, estaua su-
 bjeyto ás mudanças, variedades, & des-
 uenturas do mundo. Esta foy a sentença
 deste philosopho, da qual se rio el Rey
 Cresso, porque confiado em seu poder &
 grandes thesouros, tinha pera si, que era
impossiuel auer cousa no mundo, que o
podesse

podesse abater, & fazerlhe amaynar as
velas de sua grandeza & presumpção.
Mas depouys se vio elle em tãmanha tor-
menta, que amaynou de todo, sem que-
rer mays que ter se ao mar, & saluar, se po-
desse, somente o casco de sua pobre fu-
sta, & então teue por verdadeyro o sesu-
do philosopho lançador de contas, ami-
go de as fazer de perto, & de assomar ao
longe o que podia acontecer, porque el-
le se vio vencido del Rey Cyro, & vio
roubar toda sua riqueza, & até seus olhos
distruyr sua terra, & assolar seu reyno: &
vio se injuriado em poder de seus ãmigos,
os quaes depois de o auiltarem & enche-
rem de opprobrios, o pendurarã nũ pao
pera o queymarẽ. E vendose elle naquel
la defauẽtura nu & despojado, & que até
os seus o deyxarão em tal tempo, q̃ muy-
to auia que seguião, & que começaua ja
arder o fogo, que auia d'abraçar suas en-
tranhas, se lembrou da sentença do phi-
losopho, & começou com grandes vozes.
a dizer

DA VIDA SOLITARIA

Herodo.
Plutarc.

a dizer Solão Solão. Autores sam desta historia Herodoto no j. liuro, & Plutarcho na vida de Solão, & outros muytos. Quê foy mais poderoso q̄ el Rey Dario? & no meo de sua prosperidade foy desbaratado & vencido de Alexãde, como o conta copiosamēte Quinto Curcio, & outros authores. Vindo Alexandre com todo seu poder não o teue elle pera lhe resistir, & vendose em tēpo, que lhe compria mays determinaçam que conselho, & que o seu exercito era desbaratado, lançou a fugir torpemente, deyxãdo sua molher & filhas em poder de seus inimigos, & fugindo foy tomado, & injuriado, & morto com grande deshonra. E vêdose sua molher & filhas desemparadas em poder de seus inimigos, chorauão com tãta dór, que a auiam elles dellas, porque mostrauão ellas tãta lastima nas palauras, q̄ lha punhão a elles nos corações. Nisto se tornou a potencia daquelle grande Dario Rey da Persia, com quem soião espan-

Q. Cur.

tar

tar o mundo: Por isso diz Aristoteles, co- Aristot.
 mo o refere Stobeu, q̄ o homẽ he hũ exẽ- Stobeu.
 plo de fraqueza, hũ despojo de tẽpo, hũ a
 zombaria da fortuna, hũa imagẽ de incõ
 stancia, hũa balança ouro & fio de enue-
 ja & defauẽtura. O bõ Phociã o Athenies Phociã o
 hũ dos mays justos gouernadores na paz,
 & dos mais animosos capitães na guerra,
 que ouue antre os Gregos, aquelle em
 quẽ parecia q̄ se achaua a religiã de Nu-
 ma Põpilio, o esforço de Scipiã, a prudẽ-
 cia de Quinto Fabio, a pobreza de Curio,
 a lealdade de Regulo, a constancia de Fa-
 bricio, a grauidade de Catã, a seuerida-
 dede Torquato, depois de ter feitos mui-
 tos beneficios á patria, & de ser quarenta
 & cinco vezes magistrado, como o con-
 ta Sabellico, foy per enueja accusado, Sabellic.
 & condemnado á morte. Este he o galat-
 dã, com que a republica lhe pagou seus
 grandes seruiços. E estando elle com o
 vaso da peçonha na mão pera a beber,
 que aquelle foy o genero de morte que
 lhe

43 DA VIDA SOLITARIA

Eliano. lhe derão diz Eliano, que lhe pergunta-
 rão, que deyxaua encomendado a seu fi-
 lho, & que elle respondeo, que lhe man-
 daua que senão lembrasse daquella in-
 juria, nem tornasse a Athenas mal por
 mal. Até nisto quis mostrar quem era, &
 por o sello a sua virtude. Bajazeto o grão
 Turco senhor da menor Asia, & da mór
 parte de Grecia, & finalmête hũ dos mais
 ricos, poderosos, & temidos principes do
 mũdo, ajũtou hũ exercito de pto de qua-
 trocêtos mil homens de caualo, & infinida
 dede pé, & pelejou em campo com o Ta-
 morlão, que fora em outro tempo reco-
 ueyro, ou como outros dizê, pastor d'o-
 uelhas, & foy o grã Turco vencido, & seu
 exercito desbaratado, & elle foy tomado
 viuo, & metido em hũa gayola de ferro,
 onde o Tamorlão o trazia, & cadauez q̃
 comia, o fazia por de bayxo da mesa co-
 mo cão, & o fazia comer dos ossos, q̃ lhe
 lançaua da mesa, & quando caualgaua,
 o fazia trazer, & punha sobr' elle os pés
 pera

Tamor-
lão.

pera sobir no caualo, & assi o teue muito tempo, até que o triste Bajazeto morreo de payxão. E desta maneyra o trazia per sua propia terra, subjugandoa & destruindoa, pera que o vissem naquella desauentura, os que antes se espantauam de sua bemauenturança. Hum dia pela manhã se vio este gram Turco poderoso & alto Rey, senhor dhum exercito grandissimo, & de muytos reynos, delles herdados de seu pay, delles conquistados & ganhados per si, & quando veo á tarde se vio escrauo, & companheyro dos cães de seu senhor, captiuo dum seu inimigo, que fora tempo, que nam tiuera mais que hum furrão & hum cajado. Estas sam as variedades do mundo, estas sam suas mudanças, as quaes se podẽ bem ver na historia destes dous principes Bajazeto & Tamerlão escripta per Fulgoso nas collectaneas, & per Cambino Florentino na historia Turquesa, & per Rauisio Textor na Oficina, & p outros. Que Camelião

Fulgoso
Cábino.

Rauisio.

DA VIDA SOLITARIA

ahi, que se mude em tantas cores, que lago dos Troglodytas, que faça tantas mudanças, q̄ Protheo, que mude em tão varias figuras, como o mundo se muda cada dia? Pera que he logo confiar nelle, pera q̄ he dar credito a seus enganos pera q̄ he sua cõuersação, de q̄ serue sua pratica, pa que he senã fugir delle, & buscar hũa vida quieta & contēplatiua, & seruir a Deos cõ affossego, & chorar cõ muyta contriçã as culpas passadas, & os años mal espēdidos? Porque, como diz S. Augustinho, a fonte das lagrymas he hũ segundo baptismo.

August.

CAPITULO X.

¶ Da comparaçam da vida actiua com a contemplatiua, & do primor de cada hũa.



A. aristot.

Gora acabo de erer, disse o Italiano, quam verdadey-ra he aquella sentença de Aristoteles q̄ diz, que hũa das cousas que ha no mundo diffiçiles he julgar por erro aquillo, em

em que naturalmente nos deleytamos. Digo isto porque per hũa parte estou vêdo com quam bõas razões & authoridades fostes descubriendo os perigos das praticas & conuerfações do mundo, & quão claramente prouastes quam damnosas crão, & pela outra não posso acabar comigo a telas por taes, pola affeyção que lhe tenho, & polo contentamento, que nellas leuo. E certo q̃ eu tenho por grande penitencia deyxar o gosto da pratica & conuerfação, & conuerter isto em suspiros, & as alegrias em lagrymas. Quanto isto, disse o Portugues, he mays aspero, tanto he a Deos mays accepto, quãto mays que o amor de Christo tira estas asperezas, & faz parecer a couza suave. E a razão porque Deos mandaua na ley, q̃ lhe offerecessem pombos he, porq̃ as suas musicas sam gimidos, & em vez de cantar chorão, ca os nossos cantos hã de ser suspiros, & os nossos versos & cãtigas hã de ser entoados cõ saluços & lagrymas, & nã cõ

Leuit. 12

DA VIDA SOLITARIA

vaãs alegrias, & ociosas praticas, & falsas deleytações. Esta he a causa porque nam offerecião a Deos calbãdros, nẽ pintifirgos alegres em sua musica, mas pombas tristes em seu canto. Isto he o que dizia o bom Rey Ezechias falando com Deos:

Ezec. 38.

(Meditabor vt colúba) E logo a bayxo: (Recogitabo tibi oēs annos meos in amaritudine animæ meæ.) Como se dissera:

Meditarey, como pōba cuidarey, & ante vossos olhos estarei trazēdo á memoria todos os meus annos gastados e tribulações

& angustias de minha alma. E el Rey Danid: Trabalhey em meu gemido, lauarey cada noyte o meu leito, resoluerey & desfarey meu coraçã em chuua de lagrymas, com q̄ regue o meu estrado. A estes dous

Jerem. 9.

reys desejava de imitar o sctõ Propheta Ieremias, quando pedia a Deos, q̄ cõuer tesse sua cabeça em agoa, & seus olhos em diluuiõ de lagrymas. Isto fazião os sanctos no deserto, quando soltauam os olhos ao choro, ajuntando e seu pranto o dia com

a noy

à noyte. Essa autoridade, disse o Italiano,
 q̄ vos trazeyz das pombas, tenho eu, que
 milita cõtra vos, & he hũ grãde argumen-
 to contra a vida solitaria. Porq̄? pergun-
 tou o Portugues. Porq̄ se a vida solitaria,
 disse o Italiano, fora mays excellẽte que
 a politica, mandara Deos que lhe offere-
 ceram melroas & solitarios, q̄ viuem em
 apartamento, & nam pōbas, que viuem
 em seus pombas em congregação, & sam
 aues domesticas & cõmunicatiuas. Esse
 disse o Framengo, he marauilhofo argu-
 mento. E bem creio eu, que se vos Senhor
 atẽtareys pera o que auieys de dizer, nam
 o differeys, porq̄ vos nam podeys negar,
 que peillas pombas se entẽde a vida aãti-
 ua, & se ella fora má, nam mãdara Deos
 que lhas offereceram: Nem eu digo, disse
 o Portugues, que he ella má, se não muy-
 to bõa, & ainda vos digo, que catos hahi,
 em que a aãtiua se ha de preferir á cõtem-
 platiua, como mays fructuosa em muytas
 cousas. Mas nem por isso se conclue, que

DA VIDA SOLITARIA

Leuit. 12. simplesmente falando, he melhor que a contemplatiua, porque tambem Deos mandaua que lhe offerecessem rolas, que sam aues solitarias, amadoras de lugares tristes & apartados, pellas quaes se entende a vida contemplatiua, como o afirma o venerauel Beda sobre o segūdo capitulo de sam Lucas, declarando aquellas palavras: (Par turturum, aut duos pullos columbarum.) Dous generos de aues mandaua alli Deos que lhe offerecessem, rolas, & pombos, pellas rolas se entende a vida contemplatiua, & pellos pombos a actiua. Estas sam as duas vidas dos homēs, porq̃a outra que he gastada em seruiço da vontade, empregada em vicios & deleytações, não he de homēs, mas de brutos animaes, por isso falarey agora da actiua & cōtemplatiua, que sam as de que Deos se serue. E destas duas digo que a contemplatiua he mays accōmodada á limpeza & pureza da alma. Isto quis significar a diuina escriptura quando diz no

liuro

Beda.
Luc. 2.

liuro dos Numeros, que pera Maria irmã Num. 12.
 de Moyses fer saã da lepra, a mandou
 Deos estar sete dias separada da gente: &
 quando diz no Exodo, que a mão de Exod. 4.
 Moyses recolhida no seo estaua saã &
 saida fora ficaua leprosa. Donde se colhe,
 que a vida solitaria & recolhida he gran-
 de remedio pera euitar peccados, & grã-
 de mezinha pera a lepra da alma. Quem
 quiser sarar da lepra de suas culpas, apar-
 tefe de más conuerlações, & metafe no
 seo de si mesmo, entrando em conta com
 siigo, & auerá laude & repouso. E como e-
 stas cousas alegrem a alma, segue se que a
 vida solitaria & contemplatiua traz com
 siigo spiritual contentamento. Verdade
 he que hahi muytos, que lho não acham,
 mas isto nam he por defeyto della, mas
 delles. Así como os maos humores sam Compa.
 causa do estomago nam achar gosto nas ração.
 boas igoarias, así os maos costumes fazẽ
 alma nã gostar dos suaues contentamẽ-
 tos da vida solitaria. E daqui se cõclue, q̃

DA VIDA SOLITARIA

Compa-
raçam.

os religiosos que não gozão do recolhimento, mas folgão d'andar distraydos & vagabundos, trazem n'alma algũs maos humores. Assi como arvore prantada nũ jardim fechado aproueita cõ seu fructo a seu dono, mas prantada no caminho he colhida & apedrejada dos caminbantes, assi o religioso recolhido dá fructo de religião, mas se anda trastornado & embaraçado em negocios & distrações, he roubado dos pensamentos, que passam pelo caminho de seu coração, sem aproueytar com obras de spirito, uem com fructo de deuação. E esta he a causa de não ter o spiritual contentamento, que tem os contemplatiuos, aos quaes descobre Deos grandes mysterios. Isto quis significar a sancta ecriptura nas duas irmaãs Lia & Rachel, quando disse, que Lia tinha doentes os olhos, & Rachel são & claros, porq̃ per Lia, que, como diz sam Ieronymo, quer dizer trabalhosa, se entende a vida actiua, & per Rachel, q̃ como elle mesmo diz

Hieron.

diz

diz, quer dizer cousa que ve a Deos, se entende a contemplatiua, que tem excellentes visões do alto Deos, & ve mays que actiua. E porque primeyro he a vida actiua que a contemplatiua, diz a escriptura, que Lia nasceo primeyro, & casou primeyro, que Rachel. Donde veo a dizer sam Ieronymo na epistola a Rustico mō- Hieron.
 ge, que quem quiser tomar vida eremitica, se exercite primeyro na actiua. E sam Gregorio diz, que quem deseja subir á Gregor.
 torre da contemplação, se ha primeyro de exercitar no campo das boas obras extetiores. De maneyra que quem quiser alcançar o cume da vida contemplatiua, ha primeyro de ganhar soldo no arrayal da actiua, debayxo da bandeira de Christo. Porque querer entrar logo de supito na contemplação, sem primeyro deyxar os peccados, & exercitar se nas virtudes, he cousa de pouco fructo, & ainda vos digo, que de muito perigo. Se hũ falcão está- Compa-
 do nũa torre, atado a hũa pedra com hũs ração.

DA VIDA SOLITARIA

piós, quizer voar ao alto, & penetrar as nu-
 vés com a força de suas alas, caso que cõ
 o primeyro impeto se moua com tanta
 furia, que leue cõsigo a pedra, & voe al-
 gũ tanto, todavia com o peso da pedra ha
 de cayr, & por ligeyro & voador que se-
 ja, ha de dar comsigo em terra, & em vez
 de subir pera cima, decerá pera bayxo. Bẽ
 assi o que quizer contemplar os altos & di-
 uinos mysterios, estando atado cõ os piós
 do custume á dura & carregada pedra do
 peccado, bem pode começar a meditar &
 contemplar, mas em fim com o peso do
 peccado & vida estragada dará grande
 quẽda, & em vez de subir pera cima, dará
 comsigo no fundo. He isto como hũ dos
 emblematos de Alciato, onde me lembra
 que vi debuxado hũ minino com hũa
 mão aleuantada com alas nella, como q̃
 queria voar, mas não sobia, porq̃ na ou-
 tra mão, que estaua pendente, tinha ata-
 do hũ grande peso, que tiraua per elle pe-
 ra bayxo, & o leuaua ao fundo. E ainda

Alciato.

que

que elle isto applique a outro propoſiõ;
 eu applico ao meu, aproueytandome a
 qui do debuxo, que fez, mas não da ten-
 ção, com que o fez, nem da ſignificação, q̃
 lhe deu. O que ſe colhe daqui he, que a
 vida pera ſer contemplatiua ha de ſer lim-
 pa de peccados, que he o que querem ſi-
 gnificar as diuinas letras, quando dizem
 no Leuitico, que não entrava Aaron no **Leuit. 16**
 ſancta ſanctorum, ſem ſe primeyro lauar.
 E o que Chriſto diz em ſam Mattheus, q̃ **Matth. 5**
 bemauenturados ſam os limpos de cora-
 ção, porque elles verão a Deos, que ſe en-
 tende não ſomente da viſam beatifica na
 gloria, mas ainda da q̃ neste mundo ſe al-
 cança per contemplação. Per onde eſtá
 claro, quanto os homẽs deuem trabalhar
 por ſe darem á vida contemplatiua, poys
 tem tão excellentes viſões & reuelações. E
 além diſto he ella mais pacifica que a acti-
 ua, & mays acõpanhada de confiança, &
 mays repouſada, q̃ ſam tres couſas grãdes,
 & dinas d̃ nellas empregarmos os deſejos.

Todas

DA VIDA SOLITARIA

Efai. 5.

Todas estas tres cousas tocou breuemēte o diuino Propheta Esaias aos trinta & dous capitulos de suas visões, quando disse falando da vida contemplatiua. (Sedebit populus meus in pulchritudine pacis, & in tabernaculis fiducia, & in requie opulenta.) Como se dissera estará o pouo dos contemplatiuos assentado na fermeira

da paz,

& nos tabernaculos da confiança, & no rico repouso. Em dizer

que estará assentado,

& não andarà em pé, nota a vida contemplatiua, o que si

Luc. 10.

gnificou sam Lucas, quando disse, que Maria Magdalena estaua assentada aos pés de Iesu, & que Martha andaua em pé solícita & turbada, porque a vida contemplatiua significada per Maria consiste em repouso, & a actiua significada per Martha em mouimento. He tão alta couza a vida contemplatiua, que consiste nella a bemauenturança, que hū homē neste mūdo pode alcançar. E que isto assi seja, prouo o desta maneyra. Sentença he não fo-

men

méte dos philosophos, mas dos theologos,
 que a summa bem auenturança desta vi-
 da consiste na obra da virtude, & como
 aja duas maneyras destas obras, huas do
 corpo, outras dalma, & as dalma sejam
 mays excellentes que as do corpo, claro
 está, q̄ nas obras dalma consiste a summa
 felicidade, & como alma tenha três po-
 tencias, memoria, entendimêto, & von-
 tade, & o entendimento seja a mays illu-
 stre & excellente de todas ellas, segue se q̄
 ha de ser na obra delle, & como a obra
 do entendimento seja contemplar, cla-
 ramente se conclue, que na contempla-
 ção consiste a summa felicidade desta vi-
 da. Mas esta contemplação, como ja dif-
 se, ha de ser liure de peccados & acompa-
 nhada das virtudes assi theologaes como
 moraes, de maneyra que o contemplati-
 uo resista a todas as más tentações, esper-
 tando a razão, & fortalecendo com ella a
 torre dalma, atalhando de tal maneyra
 os passos á sensualidade, & cerrando cõ
 tanta

DA VIDA SOLITARIA

canta força as portas aos maos desejos, q̄
 per nenhũa via possam entrar & meterse
 dentro na fortaleza dalma, & tomar posse
 de illa, antes ha de ter tal vigia & con-
 templaçam, que estando na terra che-
 gue com as ameaas ao ceo, & esté á vista da
 gloria dos santos conuersando ja com el-
 les, & abraçandose na bemauenturada
 chama do diuino amor. Esta he a perfei-
 ção da philosophia Christam, & aquelle
 alto estado, a que o homem nesta vida
 pode chegar: & pera o alcançar he neces-
 sario deyxar o caminho do appetite, &
 entrar no do Spirito com a guia da razão
 pedindo sempre a diuina graça, & o lu-
 me do Spirito sancto.

CAPIT. XI E FINAL.

Em que o Portugues mostra que a contem-
 plação conuem ao homê segundo a mays
 excellente das potencias d'alma, &
 conclue sua pratica, & o Ita-
 liano declara o que viu
 & notou em Por-
 tugal,

COMO



Omo o homẽ conste de duas partes corpo corruptiuel & caduco, & alma racional & immortal, a qual cotejada com o corpo se pode chamar cousa diuina em respeyto da humana, & a cõtemplação conuenha ao homẽ segũdo alma, & segũdo a mays excellente de suas potencias, q̃ he o entendimento, segue se que lhe conuẽ segũdo aquillo, que nelle he racional & immortal, & mays alto & excellente. E como quer que o homẽ seja nestaparte differẽte dos brutos animaes, tendo a outra, q̃ he o corpo, com elles commũ, segue se q̃ a contẽplação conuẽ ao homẽ segũdo aquillo, q̃ o faz homẽ, & differẽte dos animaes irracionaes, & per cõseguinte q̃ he mays segũdo sua natureza, pois cõliste nas obras d'alma intellectual, que a vida actiua, que consiste nas obras do corpo, o qual he commũ ao homẽ cõ outros animaes. E como naquillo, q̃ he mais segũdo
 nossa

DA VIDA SOLITARIA

nossa natureza, achemos mays deleyta-
 ção & suauidade, segue-se que a vida con-
 templatiua he mays deleytosa & suaue q̃
 a actiua. E se lhenós não achamos este go-
 sto, he porque não viuemos segundo a na-
 tureza, mas seguimos sua corrupçam.
 Quanto mays que ainda que a vida con-
 templatiua não fora mays segundo nossa
 natureza que a actiua, bastaua pera lhe
 acharmos mays gosto ter ella por objecto
 a Deos, tendo a actiua como tem por ob-
 jecto ao proximo, quero dizer que a vida
 contemplatiua direyta & immediatamē-
 te pertence ao amor de Deos, & a actiua
 mays directamente se ordena ao amor do
 proximo, & o diuino amor traz consigo
 suauissima deleytaçãõ. E dado que a vida
 contēplatiua quanto á mesma essencia
 da accãõ pertença ao entendimento, to-
 dauia quanto ao que o moue a exercitar
 a tal operaçãõ. pertence á vontade, don-
 de pcede o amor, & onde estã as virtudes
 moraes, as quaes ainda que essencialmēte
não

não pertença á vida cõtemplatiua, pertençemlhe dispositiuamente. Por estas & outras muytas razões conclue sancto Thomas na secunda secunda, que simple- Thomas
mente falando, a vida contemplatiua he
milhor, & maysexcellente, & de mayor
merecimento, que a actiua, com o qual se
vão communmente os outros doctores,
que depoyz d'elle tractarão esta materia:
porque todos, os que teuerão altos spiri-
tos, & quizerão falar propria & grauemẽ-
te, & defender a verdade com modestia,
se arrimarão á doctrina & modo de san-
cto Thomas pedra preciosissima & gloria
da Ordem dos pregadores, como a firme
coluna, cofre & receptaculo das verda-
des theologicas, & o seguirão como a prí-
cipe, que elle he dos doctores scholasti-
cos, muytos dos quaes eu aqui pudera al-
legar, pera prouar minha conclusam.

Maspera que he gastar tempo em recitar
doctores, poys sabemos que aquelle do-
ctor diuino, que deceo do ceo á terra

Mm pera

DA VIDA SOLITARIA

para ensinar o caminho da verdade aos
 mortaes, que andauão embrenhados nas
 matas de sua ignorãcia, preferio claramen-
 te a vida contemplatiua a actiua, quando
 disse fazendo cõparação de Martha a Ma-
 ria, que Maria escolhera a melhor parte.
 Estauão alli as duas vidas, & a fonte da vi-
 da preferindo hũa a outra, não q̄ condẽ-
 riãse a actiua, mas, como diz sctõ Augu-
 stinho, fez ante ellas differença, & appro-
 uandoas ambas, mostrou ser a contempla-
 tiua melhor que a actiua. Esta he a verda-
 de, esta he a doutrina de Christo, & não tẽ
 que duuidar a malicia humana, no que af-
 firma a bondade diuina. He tão sublime a
 cõtemplicação, que muytas vezes estã hũ
 homẽ tão enleuado, que a mente não ca-
 bendo em si se alcuanta sobresi mesma, &
 como chama de fogo parece q̄ cresce pa-
 cima, inflãmada do fogo do diuino amor
 & desejo celestial. E às vezes allumiada cõ
 o diuino resplendor, suspensa com admi-
 ração da diuina fermosura, cheia de sua-
 uissi

sermon

Luc. 10.

August.

nissimo contentamento, he arrebatada &
 enleuada, & como engolfada no pego da
 doçura & charidade sente tão marauilho
 sa consolação, que senão pode per pala
 uras exprimir, porque passa além da raya
 & demarcação do juyzo vulgar. E poys
 na vida solitaria se acha tão grande bem,
 & os dados a ella com suas orações, & es
 cripturas, & contemplações, & exemplo
 de vida aproueitão não somente a si, mas
 a todos, está claro, que he ella mais excel
 lente, & fructifera no espiritual fructo, &
 de mais alta empresa, que a publica & da
 da a negocios. Verdade he que a vida mi
 sturada de actiua & contemplatiua he de
 mays quilates que a cõtemplatiua só, por
 que tem hũa cousa & outra, em especial
 tendo mays da contemplatiua, de ma
 neyra que acudindo em seus tempos á
 contemplação & acção, he si que o prin
 cipal, & a substancia, & o nome da vida
 cõtemplatiua & solitaria. E cõ tudo isto
 digo q̃a vida solitaria & contemplatiua

DA VIDA SOLITARIA

Compara-
ção.
 não he pera todos. Assim como nua nao hũs
 mandão, outros obedecem, hũs estão na
 proa, outros na popa, outros na cuberta,
 hũs alargão, outros tirão, hũs tem hũ offi-
 cio, outros outro, porque a estarem to-
 dos nua parte faria a nao pendór, & a te-
 rem todos hũ officio, não se poderia go-
 uernar, assi na republica hũs hão de con-
 templar, outros hão de despachar, hũs hã
 de rezar, outros de pelejar, hũs hão de cul-
 tiuar a terra, outros hão de reger a cidade,
 finalmente hũs hão de ter hũ officio, ou-
 tros outro, porque a todos quererem fa-
 zer hua mesma cousa, a republica pen-
 daria á banda, & nam se poderia su-
 stentar. Isto he o que se me offereceo,
 pera apontar acerca da vida solitaria, &
 nisto não tenho mays que dizer. O que
 vos peço he, que leueys em conta mi-
 nhas palautas mal cerceadas & pouco po-
 lidas como ferro martelado sem mays li-
 ma nem perfeção. Assim como o nouel &
 bayxo illuminador não sabe mays que
assen

Compara-
ção.

assentar as principaes linhas do debuxo,
 sem asornar com a lindeza & fermolura
 das viuas & naturaes cores, nem sabe per
 arte de perspectiua fazer parecer altos
 & bayxos, & longes & pertos na palaura
 igoal, assi eu estive debuxando com as li-
 nhas de minhas rudes palauras a vida so-
 litaria: E isto, que disse, he hũa imagẽ & re-
 tracto della, não seyto per mão do nosso
 Olanda, nem do vosso Michaël Angelo,
 mas per meu bayxo ingenho, sem afermo-
 sentar o debuxo com o lustro, & viuieza,
 & sombras, & perspectiua, da eloquencia.
 Tudo isto he hũ fiado grosso, tirado de
 meu estudo, ordido em minha fraca me-
 moria, tecido & laurado com a fragil mão
 de meu bayxo ingenho, & barbaro esty-
 lo. Por certo, disse o Italiano, vos tracta-
 stes esta materia com tanta erudição, &
 tambem trazida, assi das letras diuinas co-
 mo das humanas. & com tão claro & di-
 stincto estylo, que senão pode melhorar,
 nem ha contra isso que dizer. Ca poys he

DA VIDA SOLITARIA

tãmanho o fructo & repouso da vida solitaria, quẽ serã tão alheo de confiração, que avitupere, quem serãtão ãmigo da espiritual riqueza, q̃ a não deseje, poys não ha no mundo tãõ rica tenda, nem mina tãõ chea de tãõ preciosos thesouros? E ainda que no principio contradissemos vossa opinião, nã vospareça que estauamos contrayros a ella, que bem sabiamos quanta excellencia tem a vida solitaria sobre a pubrica & secular, mas quisemos oppugnar vossa sentença pera vermos a oratoria, com que a defendieys, que certo nos fatif fez muyto. Ao menos eu, disse o Framengo, tenho tanto contentamento com vos ouuir, que não sinto agora coufa, q̃ mo tanto podera dar. Queyra Deos, disse o Italiano leuarnos a Bolonha, & acabada nossa peregrinação darnos essa vida solitaria, que tãõ engrandecestes, q̃ certo vimos cansados d'andar pelo mundo vẽdo diuersas terras, & varios costumes. Folgãca de saber, disse o Portugues, o

que

que vos moueo a esta peregrinação. Ainda, disse o Italiano, q̄ se ajuntarão muytas cousas, todauia a principal foy, ver homẽs doctos, & cõmunicar cõ elles. Excitou nos muito a isto lermos nas antiguas historias, que o famoso Pythagoras foy á cidade de Memphis, & correo o Egypto, pera ver os sabios, q̄ nelle residião. E Platão q̄ na sciẽcia vêceo os philosophos, & na eloquẽcia deyxou a tras os oradores, ueo de Athenas áq̄lla parte da nossa Italia, q̄ naquelle tempo se chamaua a grãde Grecia: & agora se chama Calabria, a ver se com Archias o philosopho Tarétino. Poys Homero, ao qual per consentimento de toda a Grecia foy dada a palma da poësia, & cometido que emendasse a lingua Grega, como o affirma Archiloco Chronographo no seu liuro dos tempos, pera mostrar a perfeção do seu Ulisses diz del- le, que viu muytas cousas no mundo, & que passou grandes trabalhos per mar & per terra: o que tambem faz Vergilio ao

Philos.
Apolo

Pythago-
ras.
Platão.

Homero

Archilo-
co.

Vergilio

DA VIDA SOLITARIA

feu Eneas. E acabou nos de mouer a isto

Philost. Philostrato historiador antigo na vida
Apolon. que escreueo de Apolonio o philosopho,
 onde diz delle que foy a Persia, & passou
 o alto monte Caucaſo, & attraueſſou a
 terra dos Albanos, Scytas, Maſſagétas, &
 entrou na India Oriental, & passou o pro-
Hiarcas. fundo rio Gãges, por ir ver Hiarcas o phi-
 losopho, que lia na academia do Oriente.
 E dahi deu a volta pelos Elamitas, Baby-
 lonios, Medos, Aſſyrios, Parthos, Palesti-
 ſtinos, Egypcios, & Ethiopicos. Em fim q̃
 andaua apos as letras, que parece que lhe
 hião fugindo pelo mundo, & hia buscar-
 do homêſ doctos, com que communicar-
 ſe, & de quem aprendeſſe, & pera que viſ-
 ſe os costumes, trajos, leys, regimentos, &
 diuerſidades de gouernanças das reſpu-
 blicas, reynos, & imperios, & os edificios,
 & ſitios & nobreza, das cidades, com ſuas
 antigualhas, & outras couſas, que ha pelo
 mundo, pera ver: & com ter andado tan-
 tas terras lhe parecia ainda q̃ erãõ poucas.
 &

& a nós com termos visto poucas, nos parecem muytas, ca não vimos mays que Italia com o Piamonte, & França com a Saboya, & hū pedaço de Frandes, & Espanha com seus reynos & prouincias.

Que cousas, disse o Portugues, notastes em Portugal, q̄ vos melhor parecessem? Muytas, respondeo o Italiano, mas de todas tocay famente algúaspoucas. A primeira foy o zelo da fé dos principes, & sua virtude & religião, com q̄ excitã o pouo ao mesmo. A segūda ver a cōtinua paz, q̄ té cō os Christãos, & appetua guerra cō os infieys. A terceyra ver o grande amor que todos os Portugueses tem communmente a seu Rcy, porque eu perguntey por el Rey Dō Ioão o terceyro deste nome, que pouco ha falecco, a muytos Portugueses, & não ouue nenhū que o não louuasse com palauras de muyto amor & lealdade, com muyta dor de sua morte. Não he muyto, disse o Portugues, por que além d'os Portugueses terem isso que

VIII DA VIDA SOLITARIA

dizeys, era esse Rey, que nosso Senhor tẽ
em gloria, digno de ser amado de todos,
porque foy elle muy catholico, & amador
das cousas de Deos, prudente no conse-
lho, humano na audiencia das partes, lar-
go nas merces, certo no q̃ prometia, gra-
ue no que mãdava, justo no que julgava,
sofrido & constante no que lhe succedia,
conseruador da paz, fauorecedor das le-
tras, pay das religiões, amigo de seu pouo,
finalmẽte teue todas as partes, que ha de
ter hũ Rey catholico, pera se com razão
poder chamar serenissimo, & verdadeyro
principe Christão. Essa he logo a causa, dif-
se o Italiano, de todos sentirem sua mor-
te, & representarem a dor, que teuerão cõ
ella, com palauras de muito sentimento.
Bem que a isto ajuda muyto a lealdade
dos Portugueses afamada per todo o mũ-
do, a qual além de se mostrar em muytas
cousas, se ve claramente na conquista de
Africa & Asia, que tendo elles conquista-
das muytas cidades, & grandes reynos,

&

& ganhadas as Indias, até o cabo do mundo, onde fezerão em armas façanhas tão espantosas, que excederão as dos Gregos & Romanos, & alcançatão pera si perpetua memoria, nunca lá ouue Portugues, que se alleuãtasse & rebellasse a seu Rey, o que nunca me lembra que lesse de nenhũa outra nação. A quarta cousa foy a vniuersidade de Coymbra, outra Athenas de Grecia, cheia dos mays excellentes letrados da Europa em todas as faculdades. A quinta foy a nobreza, riqueza, grandeza, & sumptuosidade de Lisboa, cidade antiquissima, & edificada pelo grande Vlisses, com o mayor & mays rico almazém do mundo, situada ao longo do Tejo, onde se elle com suas salgadas agoas alarga tres legoas, apar dõde se vay meter no gram mar Oceano, rio famoso, rico ẽ pescaria, & areas d'ouro, como o affirma Plinio, & o confirma Solino, & outros authores. O qual Solino tomou este nome de Tago, quinto Rey Tago.

de

DA VIDA SOLITARIA

Beroso. de Espanha, tam antigo, q̄ affirma Beroso neste liuro, que delle temos, que foy trezentos & setenta & oyto annos antes da fundação de Troia. Ainda que hū voffo Portugues diz, q̄ nam he este liuro de Beroso, & fez contr'elle & contra algus outros hūas censuras, que a meu ver mereciam censuradas: sem embargo que he elle muyto docto, & de varia erudição, & grande eloquencia. Mas tornādo a Lisboa, digo que me parece, que o mūdo he hum anél, & ella he a pedra preciosa do anél. Pareceme q̄ he Lisboa hūa praça & feyra de todo o vniuerso, & o porto de Belem he a boca desta praça, onde está situado o mays bello, & sumptuoso, & insigne mosteiro, de quātos se sabem no mundo, pouoado de muytos religiosos, & excellētes varões assi nas virtudes como nas lettras. A estas palauras se não pode ter o Portugues, que nam derramasse hūas raras lagrymas de soydade, que nam pode encobrir, ca o amor venceo a dissimulação

lação. Aqui ficou o Italiano algũ tãto enleado, mas logo lhe pareceo, que o Portugues, que religioso era, deuia ser daquelle mosteyro, pelo habito de S. Ieronymo, q̃ trazia, mas pa se certificar perguntoulhe que causa fora a daquellas suas lagrymas. E bẽ lhe quisera elle a isto respõder mais sobresi, se a multidão dellas lhe não fora á mão: mas assicomo pode lhe disse que se mouera cõ ouuir nomear o mosteyro de Belém, onde elle viuera muitos annos cõ muito contentamento, & que lhe fezera tãta tristeza a soydade da sua cella, & da doce & sancta cõuersação dos religiosos, que não podera ter as lagrymas. Entã lhe contou breuemente como fora enuiado sobre negocios da ordẽ, & tornaua caminho de Belém. Deos vos leue lá, disse o Italiano, cõ paz & a saluamẽto, & de fim a nossos trabalhos, & perigos, q̃ certo temos passado tãtos, q̃ senão podẽ cõontar. Pelos q̃ eu passey, disse o Portugues, julgo os q̃ vos passarieys, & se eu não desejo fim

aos

DA VIDA SOLITARIA

aos vossos, nũa a eu veja aos meus: Mas como ver muytas cousas açacala o ingenho, & desta vossa peregrinaçã vos resulta muyta experiencia, & prudẽcia, & conhecimento de grandes & varias cousas, daya por bem empregada: q̃ em fim quẽ alcançou algũa notauel cousa, q̃ lhe não custasse pena, nũa della teue muyto gosto, ca então he mays estimada a honra, quando as pessoas com mays risco se auenturão a alcançala. O que vos peço he, q̃ busqueys hũ repouso solitario, & vida quieta, pera descanso de vossos trabalhos acabada vossa jornada, q̃ assi espero eu em Deos de fazer aos meus acabada a minha. E então tirarey a limpo algũas cousas insignes, q̃ vi p̃ estas terras, & passey cõ homẽs de ingenho, q̃ pretendem abalifar se no estudo das letras, & na liçãõ das historias antiguas, & no conhecimento de diuersos costumes, & varias terras & nações, em especial esta pratica, que aqui tiuemos, ey de por em lingoage Portu-
gũea

gaesla, pera a poder em Portugal cõmu-
nicar com meus amigos. E porque isto he
noyte, recolhamonos pa o lugar, q̃ daqui
estã parecendo logo além desta ribeyra.
Recolhamos, disse o Italiano, poys se nos
encubriu de todo a clara luz do sol, dey-
xandonos metidos na escura sombra da
terra. Pouco empedimẽto faz, disse o Fra-
mengo, a escuridao do ar, quãdo a luz do
entendimẽto fica cõ seu relplandor. Digo
isto, porq̃ ha muitos dias q̃ desejava d'ou-
tra tractar esta materia da vida solitaria,
porq̃ tencõ hũs suspiros della, assombra-
uame p̃ outra parte hũa neuoa de temor,
que me cubria o entendimẽto a qual cõ
esta pratica fica desfeyta, & elle allumia-
do com o conhecimento de muytas cou-
sas em tão breue espaço alcançadas, q̃ pa-
rece q̃ se anticipou o effeito ao desejo. Ni-
sto se aleu antearã todos tres, & se forão á
pousada praticando em seus trabalhos, &
consolando se hũs aos outros, ca o espiri-
to cansado quer com quem descan se.

Fim do dialogo da vida solitaria.

DIALOGO

DA LEMBRANÇA DA MOR-

te. *Interlocutores hum pay
& hum seu filho.*



CAPITULO I.

Do descuydo, que temos na vida, &
da lembrança que deue mos
ter na morte.



M ITALIA ANTRE
Sena & Florença estan-
do hũ homẽ nobre, &
dado ao estudo das le-
tras em hũa quintã sua,
faiu hũa tarde passear
ao campo, onde topou hũ seu filho, que
sayra de casa ao mesmo effeyto. E estan-
do o filho vendo hũs vultos de pedra, que
alli estauão, que deuião ser estatuas d'al-
gũs antiguos, que ouuerão algũa affmada
victoria naquelle campo, onde estauão
algũs ossos de finados, como que se dera
alli

alli em outro tempo algũa batalha, perguntoulhe o pay que fazia. Estaua confirmando, respondeo elle, o artificio, proporção, & viueza destas imagēs, que com serem com o longo tēpo gastadas nalgũas partes, o que estã sã nas outras, estã tã viuas, & tanto ao natural, que engana os olhos de quem as vê. E deste pensamento fuy saltar noutro, que me tem posto em admiração, que he contemplar a muyta diligencia, que põe os homēs em querer dar vida às cousas mortas, & morte às cousas viuas. Querem mostrar que dão vida às pedras, & não atentão que a tirão às almas, quando as matão spiritualmente pelo peccado. Folgo, disse o pay, de te ver occupado nesse pensamento, que eu ja per vezes tiue. Porque às vezes pondo os olhos nestas estatuas, & vendo a perfeição de suas feyções, estou admirado de ver o muyto cuydado, que põe mēs pera as pedras parecerem o pouco que tem pera os h

recerem pedras. Viuemos tão esquecidos de nós, & tão estrangeyros do que temos por natureza, que com razão podemos ser cõparados a estas pedras insensueys, que tendo olhos não vem, & orelhas não ouuem. Voa o tempo, & vay com seu discurso annullando & consumindo as cousas, & a nós parecendos que senão muda: passa nossa gloria, como se nunca fora, & cuydamos que sempre fica: ameaçanos a idade com a fim, & viuemos com o somno quieto de cuydados de seus sobrefaltos: sam as cousas do mundo deas & vaãs, & temolas por solidas & maeiças: sam tão inconstantes, que não tem mais constancia nem firmeza, que nunca serem constantes nem firmes, & nos temolas por de tanta constancia & firmeza, que lhe não pode faltar perpetuidade: & finalmẽtẽ ficando tão desordenadas, que não tem ordem, que em a não terem, imagi-
 cadas de tal ordem, que não
 fôr ordem. Que pensamentos
 terião

terião ja aquelles, cujos ossos ves semea-
 dos per esse campo? Aquellas pernas que
 caminhos andarião; Aquellas caueyras
 que imaginações terião, quão infunadas
 nas falsas esperanças do mundo serião,
 que castellos de vento farião? E em fim
 olha o em que se tornárão, & o em que to-
 dos nos auemos de tornar. Segundo mi-
 nha idade não pode tardar muyto a mi-
 nha hora, que ja se me vay, pondo o sol
 da vida, & vou ja nas compreras de mi-
 nha peregrinação. A tua hora não sey
 quando será, que ainda não faiste dos ter-
 mos da adolecencia, mas em fim as de-
 ter fim. Estas cousas queria eu filho que
 tu muytas vezes reuoluesles na memoria
 porque he grande freo pera o descuydo
 da vida a lembrança da morte. Ist
 o filho, tenho eu bé experimētado
 muytas vezes de ter mal arrecadae
 samēto, me foge cō grãde p diçã do
 & anda vagueado, & fantasiado mil
 dades, & prometendome vida perpe

282 DA LEMB. DA MORTE

Mas quando vejo o fundo ás cousas, & conforme ao conselho que me Senhor tendes dado, cuido na morte, & como nos Deos tem sentenciado a ella, & me lembra aquillo de sam Paulo: Determinado he aos homêes morrer hũa vez, & aquillo que diz a igreja: Lembrate homê que escinza, & que te as de tornar em cinza, metome per dentro: & tornando sobre mî estou pasmado de minha ignorancia: & comparome então a padecente sem iuyzo, que sendo condemnado á morte, affinada & publicada a sentença, & dados os pregões, indo caminho da morte vay com confiança da vida, deleytando-se pelo caminho em vãos pensamentos, & apascentando os olhos com a fermosura dos deleytosos campos. O que tu fizes o pay, has de fazer acerca do peccado, ha de ser telo preso em ferros como escravo fugitiuo, & occupalo em bons exercicios. E quando te fugir, hũa remedio pera o arrecadares & tornares

nares a seu lugar he essa lembrança da morte, que dizes. E has de andar cuydando, & dizendo contigo mesmo: Eu caminho pera a morte, vou a juyzo, hão me de tomar conta, & per força a hey de dar. Que será de mí, quando forem abertos os liuros, & o caderno de minha vida te auerigoar com o liuro da diuina justiça? Nisto has muitas vezes de meditar, & haste cada dia de ordenar, como se souberes que aquelle dia auia de ser o derradeyro de tua vida, & ter a fim diante dos olhos. Em fim se queres ser quem deues ser, lembrate do que has de ser, porque a memoria da morte te fará cayr na conta de quem es, & conhecendo tua miseria não admittirás as vaãs & lisonjeyras esperanças do mūdo tão peregrinas & alheas de teu natural. Os olhos vendo as outras cousas não vem a si mesmos, mas vendo hū espelho vem se a si nelle: assi nós conhecendo as naturezas das cousas do mūdo viuemos sem conhecimento de nós:

Na iij mas

181 DA LEMB. DA MORTE

mas tomando na mão o espelho da memoria da morte, vendo a elle vemos nelle a nós mesmos. E aproueytanos esta vista para abater nossas soberbas vaãs, & desfazer a roda de nossa presumpção, & excitarnos a temperar & moderar os gozinhos & aluoroços do mundo: & finalmente aproueytanos para não peccarmos. E daqui veo a dizer a escriptura sagrada no Ecclesiastico: Lembra-te das tuas cousas derradeyras, & nunca peccaras. Prophetizando Esaias a destruyção da soberba Babilonia, quando os Persas & Medos rega-
 rão suas ruas com o sangue de seus moradores, diz: Nunca isto cuidaste, nem te lembra-te da fim. Onde attribue as desauenturas dos Babilonios ao esquecimeyto da morte, com que viuião. A mesma confiração tinha Jeremias, quando chorando a destruyção de Ierusalem com tanta magoa, que não auia quem delle a não ouuesse, soltou na primeira lamentação estas palavras: Peccou Ierusalem, & por isso foy perdida

Ecclef. 7.

Efai. 47.

perdida

perdida. E declarando estes peccados disse: Não alimpou as çugidades dos pés, nem se lembrou de sua fim. Como se differa: A causa da perdição dos moradores de Ierusalem foy descuydo na vida & esquecimento na morte, porque não lauarão as affeyções, que sam os pés d'alma, que tinham çujos & contaminados, nem se lembrarão que auião de morrer. No Deuteronomio falado a escriptura nos homens esquecidos de Deos, diz: Gente sem conselho & sem prudencia, prouesse a Deos que sou bessem & entêdessem, & prouessem as cousas derradeiras. Estas cousas vltimas, q̄ auemos de prouer, & em que auemos de cuydar, pera nos saluarmos, sam as diuersidades de mortes, que cada dia facontecem. Alludindo a isto sam Ierony Hieron. mo nũa epistola a Cypriano diz: Acordate de tua morte, & não peccarás que aquelle que cada dia se lembra que ha de morrer, despreza as cousas presentes, & caminha de pressa pa as futuras. Sancto

DA LEMB. DA MORTE

- August. Augustinho diz que nenhũa cousa assi reuoca do peccado como a frequente meditação da morte, & chamalhe remedio da culpa. Isto sentiabem Philonorio Galata, como conta Heraclides, & referco Marullo author moderno, que seys annos morou em sepulchros de mortos, pera se lembrar da morte. E dos Brachmanes philosophos orientaes contão as historias, que andauão tão metidos per este pensamêto, que tinham abertas as sepulturas ás portas de suas casás, pera que entrando & saindo per ellas não perdessem da memoria a lembrança da morte, pera não peccarem. E poys da lembrança da morte procede euitar peccados, segue se q̄ do esquecimêto della p̄cede cometelos. Não somêto os Christãos, mas ainda os gentios entenderão quãto a lembrança da morte aproueitaua. Seneca nũa epistola, onde tracta do aparelho pera bẽ morrer diz: Tu p̄a q̄ nã temas a morte, cuyda nella. E Quintiliano na seguda declamação diz

diz, q̄ não ha pior morte que a q̄ vem to-
 da junta, sem se antes cuydar nella. Lem-
 breme que li em Herodoto author Gre- Herodo.
 go & antiguo, que era custume antre os
 Egypcios no principio dos banquetes tra-
 zer á mesa hũa figura de pao d'ũ homẽ
 morto muyto pelo natural com aquella
 cor, com que a morte cobre aos seus con-
 uidados, & o que a trazia dizia a cada hũ
 per si: Quando comeres, & beberes, & te
 deleytares, olha pera esta figura, que tal
 has de ser. Aquella era a primeira igoaria,
 que se trazia á mesa, que era a falsa, em
 que todas as outras se molhauão. Em
 muytos dos banquetes d'agora se comẽ
 vidas alheas, & naquelles se moderauão
 as proprias. Assim como agora a ordinaria
 igoaria he a murmuração da vida, assi en-
 tãõ era a lembrança da morte. A mĩ me
 parece, disse o filho, que hai agora muitos,
 que se rirão disso: sem embargo que o cu-
 stume me parece excellente. E eu, disse o
 pay, rirmey de quẽ se disso rir. Digão elles

Na v o que

282 DA LEMB. DA MORTE.

o que quizerem, que eu digo, q̃ a meu fra-
co juyzo ella era hũa das milhores & mais
medicinaes igoarias, que se podião trazer
em principio de mesa. E nã digo eu somẽ-
te nos banquetes, mas ainda em muytas
outras partes deuiamos trazer debuxada
ante os olhos d'alma a morte com hũa le-
tra q̃ disse: Memoria pera esquecidos
Nũ author moderne li, & parece q̃ o de-
uia elle de tirar d'algũ antiguo, que a pri-
meyra couza, que antiguamẽte se apresen-
taua ao emperador o dia de sua coroação
erão pedras pera sua sepultura. Eu vi cõ
meus olhos na coroação do Papa Pio
quarto, que hoje governa a igreja catho-
lica, irem queymando diante delle hũas
estopas em cima d'nũa haste com hũ pre-
gão que dizia: Padre sancto assi se passa a
gloria deste mundo. No meo daquella fe-
sta de tanta gloria & solénidade lhe hião
trazendo á memoria a fim das couzas do
mundo. E he esta cerimonia a meu ver
muy excellente, polo proueyto que traz
comsi

comfigo a lembrança da morte. Os verdes Compa²
 & graciosos jardins, os altos & sumptuo-
 ração, fos edificios, as vaãs & falsas deleytações,
 com todas as riquezas & prosperidades
 da vida sam alambres, que não aleuantão
 nem atrahem a si o ferro, mas as palhas,
 quero dizer, que não tirão de seu sentido,
 aos homês fortes & cõstantes, mas aos fra-
 cos & mudaueys. E pelo contrayro a lem-
 brança da morte he pedra de ceuar, q̃ ale-
 uanta o ferro, & não as palhas. Hja das
 escholas & academias, onde os homês a-
 prendem a bem viuer, & bem morrer, &
 aconhecerse a si, & a ver o q̃ sam, & o em
 que se hã de tornar, & o em q̃ ha dir parar
 a fermosura corporal, & a vaã prosperida-
 de do mundo, he a meditação da morte.
 Isto quis significar o alto Deos, quando dif-
 se a Jeremias q̃ descesse á casa, onde se la- Jerem. 18
 urara o barro, q̃ q̃ria ahi falar cõ elle. Que
 casa de barro he esta senão a sepultura, on-
 de nos Deos mãda q̃ deçamos cõ o pensa-
 méto, pa nos ensinár a breuidade da vida,

DA LEMB. DA MORTE

& a miseria humana? Ca a meditação da morte he a escola da alta sabedoria.

CAPITULO II.

Em que o pay prosseguindo sua pratica vay descobrindo o engano da fermosura do mundo, & como auemos de passar da consiração das criaturas à do criador.



E os homês cuydassem na morte, não lhe pareceriã bellas as cousas do mundo: porq̃ consirando quão presto ellas auiã d'acabar, & elles cõ ellas, não lhe achariã nenhũa fermosura. Donde veo a dizer hũ author, que o esquecimento da morte faz o mundo fermoso. E este he hũ grande mal, que elle traz consigo. Que mal he, disse o filho, parecernos fermoso este mundo? Eu to direy, respondeo o pay. Procede d'ahi enganarnos & tyrannizarnos, porque como diz Theophrasto, a fermosura he hũ engano mudo, & como diz Socrates, a

fermo

Theop.

Socrates

fermosura he hũa tyrãnia de pouco tẽpo.
 Hũa he chama engano, outro tyrannia. E
 enganandonos o mundo cõ esta falsa &
 apparente fermosura, affeyçoamonos a
 elle, & seguimolo, sem acabarmos de en-
 tender sua tyrannia. E assi corremos tras
 elle, como tras quem nos leua engana-
 dos & roubados os desejos. E quanto mór
 he o roubo, que nos faz, tanto mór he o
 amor, q̃ lhe temos. E este amor do mũdo
 expelle o amor de Deos. Porq̃ estes dous
 amores nũca se poderã amassar. Antes,
 como diz S. Augustinho, fezerã duas cida August.
 des diferentes. O amor de Deos fez Je-
 rusalẽ, & o do mundo Babylonia. De ma-
 neyra q̃ não podem fazer parçaria. Traz
 pa isto sam Cypriano esta comparação. Cypria-
 Affi como hũs mesmos olhos não podem no.
 olhar pera a terra & juntamente pera o Compa-
 ceo, assi hũa alma não pode amar junta-
 mente ao mundo & a Deos. Porque co-
 mo alma mays estẽ onde ama que onde
 anima, ca o amor a leua á couza amada, he

DA LEMB. DAMORTE.

impossivel que húa mesma alma nũ mes-
mo tempo se aleuante & vna com Deos
& se abayxe & lie com o mundo. Ho-
ra que mór mal pode ser. que deyxar o
amor de Deos polo do mundo? Quanto
mays que de amarmos ao mudo procede
seruirmolo, & como ninguem possa ser-
uir a dous senhores, que mandam cousas
contrairas, como diz Chusto nosso Se-
nhor em sam Mateus, & Deos & o mudo
sejam dous senhores, que mandam cou-
sas contrayras, seruindo ao mundo dey-
xamos a Deos, & deyxandoo perdemolo
que he a mor pda, q̃ se pode imaginar; &
pcedoo a elle ficamos nos pdidos. Veslo
go aqui quanto mal faz o esquecimento
da morte em nos fazer parecer o mun-
do fermo so, & imaginarmolo qual elle
nam he Porq̃ pera bem, o mal nam nos
ha de parecer bem, nem nos hão de pare-
cer as cousas senão aquillo que realmen-
te sam. Desejo de saber, pregütou o filho
co, no isto pode quadrar cõ outra cousa,
que

Math. 6.

que lhe eu Senhor ja ouui: Que cousas
 disse o pai. Amim me lembra, disse o filho
 que lhe ouui eu leuuar hũa vez aquella
 sentença de Thales o philosopho hũ dos Thales.
 sete sabios de Grecia, relatada per Laër. Laercio.
 cio, que dizia, que das cousas desta vida a
 may sligeyra era o pensamêto, a may sfor-
 te a necessidade, a may sabia o tempo, a
 may fermosa o mundo. Se o mundo he
 feo, como acerta Thales chamãdo lhe fer-
 moso? & se he fermoso, como he mal telo
 por tal poys como vos Senhor dizeys, he
 bem parecerem nos as cousas o que sam?
 Muyto folgo, disse o pai, de tocares essa
 duuida, & de me pores essa questam, &
 outras, q̄ algũas vezes apõtas, porq̄ he fi-
 nal d̄ querer saber. Que bẽ vejo q̄ te nã
 vẽ esse atreumêto d'algũa oufadia nasci-
 da de temeridade & p̄sumpçã, mas dhũa
 cõfiança nascida do amor, q̄ metês, & do
 desejo q̄ sempre é ti conheci de saberes. E
 nisso, q̄ dizes, nã apõtas tu mal, mas enlea-
 ste, por nã attêtares pera a equiuocação
 lo
 qu.

88 DA LEMB. DA MORTE.

do vocabulo, Tu has de saber que mudo tomase de duas maneyras: hũa he pelos maos, em quanto maos, consiradas suas vaidades, falsas honras, enganosas prosperidades, desejos de prauados, pestíferas deleytações, cõ todos os mays males, que cõfigo traz a sede & interesse destas cousas, que sam mêtiras, treyções, lisonjarias, murmurações, & finalmête hũ labyrintho espantoso de enganos. Desta maneyra o tomou o Apostolo S. Ioão na sua primeyra Epistola, quando diz. Nam queyrays amar o mudo, nem suas cousas, porq̃ tudo o que ha no mundo he cõcupiscencia da carne, & cõcupiscencia dos olhos, & soberba da vida. Este he o mundo, de que diz o Apostolo Santiago: Nam sabeys q̃ a amizade deste mundo he ímiga de Deos? Logo qualquer q̃ se faz amigo do mundo, faz banco roto com Deos. Isto he do Apostolo. Doutra maneyra se toma mundo polo ceo, terra, elementos com a vniuersidade das creaturas. E desta
ma

Ioan. 2.

Iacob. 4.

maneyra se entende o que diz sam Ioão no primeyro capitulo de seu Euangelho. E o mundo per elle foy feyto. E sam Paulo aos de Epheso: Elegeo nos em elle antes da constituyção do mundo. Quando eu digo q̄ he mal paerecernos fermoso o mundo não o sendo, tomo o mundo da primeyra maneyra pola maldade & vaydade do mundo, & não polas naturezas das creaturas, & quando Thales o Grego lhe chama fermoso, tomo na segunda accepção pola fabrica das cousas creadas, conseruando o sol, lúia, & estrellas, com seus fermosos & resplandecentes lumes, & a terra com seus ricos aruoredos, animaes, & obras de natureza, que com ferem tão diuersas, dão contentamento & fermoso pasto aos olhos, porque a diuersidade das cousas: faz muyto ao caso pera a fermosura dellas. E desta maneyra não ahi debate senão que o mundo he cousa bella, como feytura das mãos daquelle summo artifice & alto Deos, que

Ioan. 1.

p hec. 1.

Genes. 1.

Iob. 41.

DA LEMB. DA MORTE

em nenhũa cousa pode errar. Donde vierão os Gregos a chamarlhe cosmos, que quer dizer ornamento & fermosura. E o primeyro que lhe pos este nome dizem q̃

Eugubi. foy Pythagoras, como o refere Eugubino na sua Cosmopoëja. Em fim q̃ Thales cõfirava o mundo, não segundo as malicias feytas pelos homẽs, mas segundo as naturezas feytas per Deos. Das quaes diz a sa-

Genes. 1. grada escriptura no Genesis: Vio Deos todas as cousas, que fizera, & erã muyto

August. bõas. Donde veo a dizer sancto Augustinho no quartodecimo liuro da Cidade d̃ Deos, que bẽ pode h̃r auer bẽs sem males, mas que auer males sem beẽs he impossivel, porque as naturezas em que estã os males, em quãto naturezas sã bõas, & obras de Deos. E quando a escriptura diz que as vio Deos, & que erã bõas, quis significar que as approuaua como cousa feyta por sua sabedoria.

Platão. E ainda Platão no Timeo, ou sou a dizer que não somente approuara Deos as cousas, que fizera, mas

mas que se alegrara de ver sua ordem & fermosura. Mas á verdade nem ainda esta he a verdadeyra fermosura: porque em fim he corporea, & transitoria, & mudavel. E se nos nella muyto deleytarmos, pondo nella nossa demasiada affeyção, sem passarmos auante, erraremos graue-mente. Mas da fermosura das creaturas auemos de passar á fermosura do criador que he a verdadeyra fermosura, summa, permanente, immortal, & sempiterna, cujo desejo & amor ha de accender nossa alma, pera que ardendo nesta bemauenturada chama se aleuante á sua mays excellête potêcia, q̃ he o entendimêto, & aliapartadas as treuas das coufas terreaes, allumiado cõ o fogo do diuino amor cõtemple aquella luz infinita, aq̃lla bõdade imensa, aq̃lla fermosura sempiterna, cujo amor a tẽ foruida & inflãmada. Ves logo aqui como o sabio de Grecia dizia bẽ, & eu não dizia mal, nem ha antre nos repunhãcia algũa. Mas como a fermosura de

Oo ij que

DA LEMB. DA MORTE

que elle fala he caduca, pera te não embaraçares com ella, has logo de cuydar que ha de ter fim. Porque se posermos nosso amor na fermosura das creaturas sem lembrança de quem as criou, & da fim que há de ter, viremos a atar com ellas os desejos, & a dar obediencia a nossos appetites, & assi metidos neste enleo iremos com os olhos fechados per hũa escada abayxo de descuydos, até irmos dar com nosco no vltimo degrão de nossa perdição. E poys a rayz disto he o descuido da morte, segue-se que elle he o principio de nossas desauenturas. E isto baste por agora: & vamonos pera casa. Façamos, disse o filho o que elle mãdar. Mas eu folgaria muyto, se elle nisso não leuasse desprazer, que nos assentassemos hũ pouco nestes assentos, que aqui estão debayxo destes altos alemos, & que proseguisse esta materia da lembrança da morte, por q̃ sinto com ella muyto pueyto, & q̃ dilatasse a pratica, se fazer comigo prouisam de palauras. Sam ellas

essastuas, disse o pay, tão arrazoadas & deriuadas da vontade de aproueytares, & he tão justo o que me pedes, & tão pouco em cõparaçãõ do muyto, a que o amor que te tenho me obriga, q̃ erro seria não forçar eu minha vōtade por fazer a tua, estando ella tão adiectiuada com a obrigação, que teês á sciencia & á virtude. Porque então se ha de fazer a vontade ao que pede, quando ella tem feyta liga com o entendimento & com a razão.

CAPITULO III.

¶ Em que o pay per authoridades & figuras das diuinas letras prossegue a materia da lembrança da morte & desprezo do mundo.



QUELLE doutor celestial Christo nosso Deos, q̃ veo do ceo á terra abrimos & mostrarnos o caminho da saluação, & se constituyõ & offerreceo em sacrificio no altar sacratissi-

DA LEMB. DA MORTE

mo da vera Cruz, pera que com seu sangue lauasse nossas culpas, & com suas chagas curasse as nossas, & cõ sua morte nos desse a vida, faindo hũ dia do templo de Ierusalem com seus discipulos nos ensinou a consiração, que auiamos de ter da fim das cousas & da nossa mesma fim. Por que mostradolhe os discipulos o tẽplo, & falandolhe naquelle alto & nobre edificio, como espãtados de seu grande artificio & sumptuosidade, lhe disse elle: Vedes vos tudo isto? Digouos em verdade que a de ser derribado & destruido, & que ha de vir tempo, que nam fique pedra sobrepedra. Quis o Senhor ensinarnos, q̃ quando se nos apresentassem, & possessem diante dos olhos cousas grandes & sumptuosas, que acudissemos logo com a lembrãça da fim, porque ella he agoa, com que se tẽpera o vinho das cousas desta vida, que bebidas puras nos podem toruar & fazer perder o juizo. Vemnos á memoria hũa cousa delectosa & de nosso gosto,

mas

Nath. 24.
Mar. 13.
Luc. 21.

mas cousa que nos pode enlear, & por em
 risco de perder a Deos, anemos de ter
 prompto o remedio, & acudir logo com
 presteza com a memoria da fim, & cuy-
 darmos que tudo aquillo ha d'acabar, &
 nos com elle, & que se aquillo nam aca-
 bar tam asinha, ao menos acabaremos
 nos. Desta reposta & doutrina de Chri-
 sto tomarão os discipulos motiuo pera
 lhe perguntarem, quando auia de ser a
 fim do mundo. Mas porque o saber isto
 nos nam era necessario, nam quis nosso
 Senhor declarar o dia da fim dos homens
 em geral, nem de cada hum em especial:
 mas disse muytas cousas de grande dou-
 trina, & trouxe parabolos & compara-
 ções, em que concluia que nos aparelha-
 ſemos pera a morte, & embarcassemos
 com tempo, & fizessemos alforge & pro-
 uisam de lóge, & q̃ viuessemos lébrados
 da morte, porque nam sabiamos o dia
 né a hora. Esta doutrina nos deu Chri-
 sto nosso Redēptor, & não tem ninguẽ

DA LEMB. DA MORTE.

nella que emendar, nem que dizer, por que a doutrina que vay ao oliuel do juizo uiuino, nam tem licença de lhe lançar o plumo o juizo humano. Per ôde está claro quam escuro he o entendimento dos que julgam por desnecessaria a lembrança da morte. O piloto pera governar bê o nauio, nam vay assentado na proa, que he o principio, senam na popa, que he a fim, leuando os olhos na agulha & carta de marear. Assi nos pera bem governarmos a nao de nossa vida, & nauegarmos ao porto da saluaçam, auemos de estar daslento na fim, que he a morte, & aparelharmonos pera ella, leuãdo sempre pregados os olhos em Christo, que he a carta de marear, p onde nos auemos de reger. Nam curemos de ir na proa, onde nã vay senão a gente bayxa & de pouco tomo. Aquelles vão na proa, q jaçtandose da nobreza de seus antepassados, donde trazem sua origem, se aleuantã em presumpçã & oufania, lêbrãdo se do principio, q

ouue

Compa-
ração.

ouueram, & nam da fim, que ha m dauet
Mas nos tomado na mão o leme da ra-
zam, & indo d'assento na lembrança da
morte, ponhamos a proa na eterna bein-
auēturança, & naueguemos com muyto
tento, porque doutra maneyra será que-
termos gouernar a vida sem leme, & ire-
mos dar com nosco na Scila & Charyb-
de de nossa pdição. O glorioso Iosias Rey
que foy de Ierusalem, diz a diuina escrip-
tura no quarto liuro dos Reys, que má-
dou derribar os idolos, que tinhã feyto os
reys seus antecessores, & fazelos em peda-
ços, & que mandou encher os altares ou
lugares, onde elles estauam, de ossos de
finados. Ainda q̄ esta historia no sentido
litteral declare afé do bom Rey Iosias, & o
zelo q̄ tinha da diuina religiã, cõ tudo
no sentido moral per Iosias se entende
Christo nosso saluador, pelos altares nos-
sas almas, pelos ossos de finados a memo-
ria da morte, & pelos idolos os peccados,
& vaidades, & cousas do mundo, a q̄ nos

4. Reg. 33

DA LEMB. DA MORTE

affeyçamos, & feruimos, & em que po-
mos nossa felicidade. Porque tãto deo-
fes damos a nosso coração, quantos são
os interesses de nossas maldades, em que
trazemos occupados nossos pensamen-
tos. E auendo nossas almas de ser altares
de Deos, fazemos dellas altares de nossos
idolos, & em vez de estarem accensas com
o fogo do diuino amor, estão enregeladas
& encarameladas com os frios ventos do
mundo. Que cousa he logo mandar lo-
sias derrubar os idolos dos altares, & que-
bralos, & em seu lugar por ossos de fina-
dos, senão mãdar Christo que deyxemos
os peccados & vaidades, em que se occu-
pam & deleytão nossos sentidos, & que
os lancemos de nossas almas, & pisemos
com os pés, & em seu lugar ponhamos a
lembrança da fim, pera que deyxados os
descuidos da vida nos occupemos nos cui-
dados da morte, trazendo á memoria os
ossos de finados, & a terra de q̃ somos, &
em q̃ nos tornamos. Naamã Syro depois

de

de limpo da lepra, pera nã adorar os idolos, pedio ao Propheta Eliseu q̄ lhe deyxasse leuar de Samaria pa Syria hũa pouca de terra entrouxada. Assi o affirmão as diuinas letras no quarto dos Reys. Nós 4. Reg. 5. pera não peccarmos, leuemos com nosco entrouxada na memoria a terra de que somos, pera não adorarmos os idolos de nossas vaydades. Se nós bem confirassemos que somos, & em que nos auemos de tornar, não ahi duuida senão que milhorariamos nossas consciências, amaynariamos as velas de nossa soberba, & meteriamos a presumpção debayxo dos pés. Assi como a bibera mata cõ sua mordedura, mas queimada, & tōrnada e cinza he excellentē remedio pa a mesma mordedura, como o refere Lactácio Firmiano, bẽ assi a soberba fantasia, & prosperidade do mundo soe a ferir nossas almas mortalmente, mas se posermos na mesma alma ferida a cinza, em q̄ se torna a mesma prosperidade do mundo, viremos a ter tal dor & cōtriçã, que

Compara
ção.

Lactácio

DA LEMB. DA MORTE

que fiquemos sãos das mesmas chagas. He necessario trazer na memoria a cinza, em que se tornão os reys & principes, & nos com elles, & em que vão parar os apparatus, & pompas, & sumptuosidades do mundo. Porque daqui procede darmos volta, & deixado o mundo abraçarmos com Christo, quando vemos que aquellas cousas, que o mundo chama altos estados, todas acabã & se consumẽ.

Compa. ração. Assim como as ondas do mar se quebrão e terra, & por grãdes & furiosas q̄ venhã, tão q̄ dã na praya, se desfazẽ, assi os reys & principes tocando na terra da sepultura se acabão, & por altos & poderosos que pareçã, tanto que dã na praya da morte, fenecem. Mandaua Deos no **Leuit. i.** Leuitico, que hũas aues que lhe auião de offerrecer, fossem depenadas, & que as penas fossem lâçadas no lugar, onde se soya lançar a cinça a par do altar, pera a parte do Oriente. Que cousa he esta Senhor? Não tomareys estas aues por depenar?

E ja

E ja que as não quereis senão de penas, não bastará lançar as penas onde quer, senão que per força hão de ser lançadas na cinza? E ja que quereys que estas plumas sejam metidas nū monte de cinza, não bastará lançalas nella da banda do Occidente, senão que necessariamente as auemos de lançar pera onde nasce o sol, & não pera onde se põe? Que particularidades sam estas? Nem isto carece de mysterio, nem o mysterio de ponderação. Bem poderá dizer a escriptura que offerecerão a Deos hūas aues, mas apontar tantas cerimōnias, & particularizar tão miudas circunstancias, he querernos excitar ao entendimento desta figura. Que penas sam estas, senão nossas fantasias, que nos trazem pelo ar? Nos somos as aues, que auemos de ser a Deos offercidos em sacrificio, & perpetuo holocausto. Mas pera que este sacrificio seja a Deos accepto, he necessario que depenemos as plumas de nossas vaydades, & que as lancemos no
 lugar

DA LEMB. DA MORTE

lugar da cinza, na lembrança da cinza, q̄
 somos, que as emburilhemos neste mon-
 turo de cinza cuberto com hũa pelle, &
 que as reuoluamos na memoria, do que
 auemos de ser. Quem he tão transporta-
 do & esquecido de si, que se quiser atten-
 tar, não veja que he pó & cinza? Quem
 ahi que senão desfaça em terra? Quê foy
 que tal não fosse, & quê será que tal não
 seja? Quis nisto significar o alto Deos, que
 tanto que nos vier ao pensamento algũa
 vaidade, acudamos logo com a meditaçã
 de quem somos, & de quê auemos de ser.
 O quem visse depenadas todas as plumas
 de sua presumpção & oufania, & metidas
 antre a cinza da lembrança da morte. E
 porque, como diz Gregorio Nazanzeno
 no seu primeyro liuro da theologia, o bẽ
 não he bem, se senão faz bem, porque nã
 abasta fazer cousa bõa, se a tenção he má,
 diz a escriptura que isto se ha de fazer pe-
 ra a parte do Oriente, & não pera o Oc-
 cidente, significando que nossa tenção
 ha

Nazáze.

ha de ser posta em Christo, & que a elle auemos de dirigir nossas obras, & não ao mundo, que he Occidente, onde se põe o sol, onde se perde a luz, onde fenece & se consume o resplendor, ficando a terra nua de claridade, & cuberta de treuas, que a escura noyte do peccado traz consigo. Mas auemos de leuar os olhos da alma pera onde os guiar o diuino amor, pera Christo nosso Deos, a quem os prophetas chamão Oriente, porque d'elle vem a diuina claridade. Lancemos logo as penas na cinza pera o oriente. porque pouco nos aproueytará a lembrança da morte, se com ella nos não excitarmos a seruir a Deos, & a tomalo por aluo, onde vã parar as setas de nossas obras, palauras & pensamētos. Mas a lembrança da morte desta maneyra he grãde remedio pa a vida. Isto parece q̄ quis Deos significar pelo propheta Ezechiel aos. ix. capit. de suas visões, onde diz q̄ mādou Deos a hũshomēs q̄ mata sē quãtos achassem em Ierusalē,

saluo

DA LEMB. DA MORTE

saluo os que estiuessem affinados com a
 letra Tau, que he a derradeyra do a b c
 hebrayco. Algũs querem dizer que esta
 letra he hũa Cruz, & que queria Deos dar
 a entender, que viria Christo ao mundo
 remilo pela Cruz, & que sómente se sal-
 uarião os que tiuessem a fé catholica, &
 fossem affinados com a Cruz de Christo,
 & que todos os outros morrerião pera
 sempre. He esta interpretação affaz pia &
 deuota, & fora ella muyto pera seguir, se a
 letra fora Cruz, mas está claro que não
 tem feyção d'isso no hebrayco, como sa-
 bem todos os que o sabem. Bem pode ser
 que naquelle tempo em que o propheta
 Ezechiel isto escreueo, tiuesse esta letra
 figura de Cruz, porque a mĩ me lembra,
 que li em sam Ieronymo nos commen-
 tarios sobre este lugar, que em seu tempo
 vsauão os Samaritanos de cruz em lugar
 desta letra, sem embargo que os Hebreos
 a escreuião então, como agora a escreuẽ.
 Mas ja pode ser que teriao es Hebreos
 mudados

Hieron.

mudados os seus proprios caracteres das
 letras, & que ficarião aos Samaritanos, os
 quaes reterião as antigvas figuras & fey-
 ções das letras, que tomarão do hebraico.
 Porem isto he conjectura somete. O que
 me a mí parece, saluo o melhor juyzo, he
 que per esta letra antre os Hebreos se en-
 tendia a fim, por ser fim do alfabeto he-
 brayco, assicomo antre os Gregos per esta
 letra Omega, por ser a final do alfabeto
 grego. Logo trazer o Tau assinado na
 testa he trazer a fim debuxada & impres-
 sa no pensamento, & a morte escripta na
 memoria. E he o sentido, que máda Deos
 que mourão, os que senão lembrão que
 hão de morrer, & que tenham vida, os que
 se lembrão da morte: Porque hũa das
 cousas que muyto excita ao caminho da
 vida sem fim he a memoria da fim.

CAPITULO III.

Do proueyto da meditação da cinza que
 somos, & do damno do amor
 do mundo.

Pp

Agora

DA LEMB. DA MORTE.



Gora me parece, disse o filho, que isso quer significar a igreja, quando o primeyro dia da quaresma nostraz á memoria quem somos, & nos põe na testa a cinza, que he o tau, de que fala Ezechiel, & a lembrança da morte, com que auemos d'andar afinados, & que de uemos trazer impressa na memoria. E declarãdo p palauras aquella obra & representação diz. Lembrate homẽ q̃ escinza, & em cinza te has de conuerter. Nã sey se digo nisto mal. Nã dizes, disse o pay, senão bem. E ainda te digo que diz o Senhor no Euangelho desse dia, que quando jejũarmos vntemos as cabeças, & a igreja vntanolas com cinza, porq̃ não ha tao suaves perfumes & excellentes ingoẽtos como a lembrança da morte. A confissão he hũa chaue q̃ desfecha todas as portas. Se quiseres entrar no paayso cõ passos d'alma, & cuydar na gloria dos santos, q̃a te inflãmares no desejo de tãmanha

nha bemaumenturança, com a chaue da
 confiração o podes fazer. Isto he o que
 dizia o diuino Paulo aos Philippenses.
 A nossa conuerfação he nos ceos. Poys
 ao inferno tambem podes ir, & desfe-
 chala com a mesma chaue, pera que cuy-
 dando nos tormentos dos damnados te
 apartes das culpas merecedoras de taes
 penas. E não te pareça que he má esta ro-
 maria ir de quando em quando ao inferno
 cõ o pensamêto ficãdo viuo em terra, q̃ nã
 he senão muyto bõa. Mas deyxadas estas
 & outras cõfirações venhamos á que faz
 mais a nosso pposito. Hũ peccador gouer-
 nado p̃ seu dãnado appetite anda fora de
 si, é tãto q̃ está aferrolhado & fechado a si
 mesmo: & pera tornar a si he necessario
 desfecharse com a chaue da confiração.
 Isto he o que querem significar aquelles
 brados de Deos escriptos pelo seu prophe-
 ta Esaias: Redite præuaricadores ad cor:
 como se dissera. Homês esquecidos & a-
 longados de vos, quebradores & despre-

202 DA LEMB. DA MORTE.

Luc.15.

zadores da minha ley fazei volta & tornat
em vos, que nam ha cousa tam longa de
vos como vos. E nosso redemptor falan-
do em S. Lucas do filho prodigo & desper-
diçado diz, que tornou em si, & se cõuer-
teo. Se tornou sobresi, logo antes nã an-
daua e si. Sabes q̃ cousa he quarta feira de
cinza, he o dia em q̃ a igreja nossa Madre
mete na mão a cada hum de nós a chaue
da cõsiraçam de quem somos, & auemos
de ser, dizendo: Lembrate homem que es
cinza, & nella te has de tornar: como se
differa: desfecha a porta de ti mesmo, entra
em ti, & verás quem es, verás hũa casa de
taipa, & a taipa de cinza, & dentro nella
tudo cinza: em fim verás hum edificio de
cinza fraco & quebradiço, que e breue a
de cair, & desfazerse e cinza. Apartete de
ti descuidos, tornem te sobre ti lembranças:
iembrete q̃ escinza & em cinza te has
de cõuerter. A aue Fenix, depois de tam
velha que nam pode voar, dizem que se
queima & se conuerte e cinza, da qual
torna

torna a renascer outra Fenix, & renouada da cinza voa tão altamête, que penetra as nuuens com suas asas: assi nos pera nos renouarmos, & subirmos aos ceos cõ o pensamento, tornemonos em cinza cõ a meditaçam, abaixemonos per humildade, & conheçamos quẽ somos, & quẽ auemos de ser. A cinza lançada pelo ar não fomêtenão aproueita, mas dana cegando aos que a lanção, & se esta no chão conserua as brasas, que se não apaguẽ, assi o homem leuantado em vaidade não ferue mais que de cegar ali mesmo, mas humildandose conserua em si o fogo do amor diuino. Diz a diuina escriptura no Exodo que de Moyses lançar pelo ar a cinza do Egypto nascerão aos Egycios grandes chagas & postemas. Que cinza do Egypto he esta senão nos mesmos. Donvem os inchaços de nossa soberba, sen d'andarmos pelo ar de nossa presump & vaidade? A isto nos quer Deos atalh dizendo no Ecclesiastico: Qui super-

Exod.9.

DA LEMB. DA MORTE.

terra & cinis? Donde vê ao homê tanta
oufania, & fantasia, & arrogancia, de q̄ se
emsoberbece a terra & a cinza? Está nos
Deos mostrâdo quẽ somos, & declarâdo
a origẽ de nossa nobreza, pera q̄ como pa
uões no meo de nossa vaydade olhemos
p̄ a os pês, cõsiremos a terra & cinza, de q̄
fomos, & desfaçamos a roda de nossos en
ganos. Ia q̄ somos cinza, saibamonos apro
ueitar de nos. A cinza aproueita p̄ a decoa
da, com q̄ se tirão grãdes nodas. Decoada
nã he outra cousa senã agoa coada p̄ ciza.
Que cousa sã lagrimas senã decoada, & q̄
decoada he esta, senã agoa estillada p̄ nos
que somos cinza? Esta he a decoada, cõ q̄
deuemos lauar as nodoas, q̄ os peccados
fazẽ e nossas almas. E aĩda q̄ neste mũdo
hũs tẽ mays outros menos, hũs sã senho
outros seruos, hũs reys outros laurado
, todauia tão cinza são hũs como os ou
os. Cinza enfronhada em olanda & cin
metida em faco de liteiro todo he cin
:tão cinza he a vestida de fina seda co
mo

mo a cuberta cõ grosso burel. Bem q̃ em
quãto dura a vida hũs tẽ mays valia antre
os homẽs, outros menos, mas na morte to-
dos sam igoaes. No jogo do enxadrez ha
diuerſas peças, rey, toque, piães, & outras
muitas, & em quato dura o jogo hũas va-
lẽ mays, outras menos, mas o jogo acaba-
do todas as peças sam miſturadas com as
outras ſem differença, & igoalmente me-
das no ſaco dos rebelhos, & como os mo-
res peſão mais, elles ſão os q̃ pela mór par-
te ſe vão primeyro ao fundo: Bẽ aſſi em
quãto dura eſta vida, hũs ſam de mays al-
to tomo & excellente luſtro q̃ outros, hũs
ſam principes outros vaſſallos, hũs fidal-
gos outros piães, mas acabada a todos ſam
tornados em terra ſem differença, & igoal-
mẽte metidos neſſe ſaco da ſepultura, &
ainda te digo q̃ os mais poderoſos eſſes ſão
os q̃ puẽtura darã mais aſinha cõ ſigo no
inferno pa ſempre: o q̃ elles poderã eſcu-
ſar, ſe ſe ſouberão lêbrar da morte, & tra-
zer na memoria aſim das couſas do mũdo.

Compa-
ração.

DA LEMB. DA MORTE

Iacob & Esau filhos de Isaac & Rebeca forão gêmeos, & diz a escriptura q̄ estãdo ambos no ventre de sua mãy pa nascer o Iacob pegava nos pés a Esau. Per Iacob que se regeo pela razão se entendem os prudentes, & per Esau que se entregou a seu desejo, & perseguiu a Iacob, se entende o mundo. Que cousa he tirar Iacob pelos pés a Esau, senão que os prudentes hão de pegar na fim das cousas do mundo, que sam os pés, & cüyando que tudo ha de fenecer hão de trazer a imagem da morte ante os olhos do entendimento? Sam essas comparações & authoridades & figuras, disse o filho, tão accommodadas ao proposito, q̄ parece q̄ não ahi outras, que se possam com ellas igoalar. Antes si auerá, disse o pay, mas não as sey eu buscar nem applicar, ca não he meu nem de quem quer entender os sentidos literays, & muyto menos os mysterios, que jazem metidos no profundo mar das diuinias letras. Sam Ioão Chrylostomo cõ-

para

para isto á pescaria das perolas. Porque as Compa-
ração.
 fi, diz elle, como as perolas estão debayxo
 do mar metidas em côchas, & pa as tirar
 he necessario mergulhar muyto ao fun-
 do, assi muytos mysterios diuinos estão
 encerrados em palauras na altura do sen-
 tido da escriptura sagrada, q̄ pera os tirar
 á mister pescar ao fundo. E assicomo nem
 todos podem mergulhar a tirar as pero-
 las se não os mestres & officiaes, assi pe-
 la mor parte não entendem bem os pro-
 fundos mysterios da diuina escriptura se
 não os spirituaes, & que nella sam verla-
 dos. E se bem estiueste attento, verás que
 estes lugares, que alleguey, não sómente
 nos ensinão lêbrarmonos da morte, mas
 ainda desprezarmos o mundo, porque do
 hũ se segue o outro. E ainda que a memo-
 ria da morte não trouxesse comsigo mais
 bem que o desprezo do mundo, este ba-
 staria & seria grãdissimo. Porq̄ he elle hũ
 abyssmo de males, & hũ embaydor que
 nos traz embaydos, & anda zombando

DA LEMB. DA MORTE

com a vida & com a honra, & he hū tre-
 jeytador, q̄ joga com nosco o passē passē.
 E não te pareça que digo isto de minha
Plotino. cabeça, porque Plotino philosopho Pla-
 tonico lhe chama magico & feyticeyro,
 que com nos roubar as vōtades, nos traz
 como encantados, sem o entendermos.
 Por isto compre vigiar, viuet cō cautela,
 & afinar o entendimento, pera não ad-
 mitirmos seus enganōs. E em sentindo q̄
 se começa acender algũa faísca de seu a-
 mor, a auemos logo d'apagar com a lem-
 brança da morte, porque se não vá atean-
 do, & dūa faísca se faça grande incēdio.
 Porque he tão prejudicial este amor, que
 tanto que entra nūa alma, quer logo to-
 mar posse della, & aleuantarse cō a me-
 nagem, & a ferrolhar a razam, & tela pre-
 sa em ferros. E pa ter tyranizada a alma
 desta maneyra lhe dá lá não sey que fal-
 sos contentamentos, com que ella quer
Nazáze. bem a seu mal. Gregorio Nazanzeno, a-
 quelle a quem os antiquos per excellēcia
 chama

chamarão o theologo, definindo o amor
 do mundo diz que he hũ doce tyranno. Hieroni.
 Sam Ieronymo chamalhe esquecimen-
 to da razão. E com razão, porque onde o
 ha, nam a ha. Plotino chamalhe pintor, Plotino.
 que nos engana com suas falsas imagens
 de fermosura sem o entendermos. E mal
 diria quem dissesse que diz elle nisto mal.
 Porque como diz Menandro, o amor do Menádr.
 mundo traz na mão as treuas, com que es-
 curece o coração. Donde diz Plutarcho Plutare.
 que o que he de tal amor inflammado,
 está enganado & sem vista. E Quintilia-
 no affirma que os amantes não podem Quintil.
 julgar da fermosura, por carecerem de
 vista. E da qui vierão os antigos a pintar
 o amor cego, porque cega os olhos do en-
 tendimento, de tal maneyra que não vê
 sua perdição. Porque como diz hum au-
 thor, o amor do mundo he como era, que Compa.
 indo de si lançando com q̄ vay trepãdo, razão.
 & prendendo, sóbe pela arvore cõ ajuda
 della mesma & depois afeca, assi elle sóbe
 per

DA LEMB. DA MORTE.

Celio.

per consentimēto dalma& depouys a m^{ta}
 ra. Conta Celio no v.liuro de suas liçõs
 antiguas, que estaua é Babilonia no tem-
 plo de Apollo hum cofre douro antiquif-
 simo fechado, & que abrindoo hũa vez o
 acharão vazio, mas cheo de tam mao hu-
 mor, q̄ delle sayo, que matou muyta gen-
 te. Per Babilonia, que quer dizer confu-
 sam, se entēde o mundo, & pelo seu pre-
 cioso cofre douro se entende a sua enga-
 nosa fermosura & vaidade, que ainda q̄
 de fora esté ceuando os olhos dos homēs
 todauia de dentro he vão, mas cheo de
 Põponio tal peçonha, que deleytando de fora ma-
 ta de dentro. Conta Pomponio Mela q̄
 ha em Cilicia hũa coua muyto larga &
 deleytosa, & de graciosos aruoredos na
 entrada, & que quanto mais vão per ella,
 tanto se mays vay apertando, & estreytã-
 do, & escurecendo, até que os que vão per
 ella, vão dar comfigo em tal parte, que a
 não sabem de si, porq̄ se achão metidos
 nũa maneyra de labyrintho, donde senã
 sabem

sabem sayr. Assim o mundo logo no principio promete cōtentamentos, & altas em-
 presas, conuidandonos com grandes es-
 peranças, que em fim nunca vem a ser
 mays que esperanças, até que nolas faz
 perder, & quáto mais nos metemos nel-
 le, tanto mays nos enreda & embaraça,
 ate nos trazer a tal enleo, que lhe entre-
 gamos nossas vontades, sentidos, & pensa-
 mentos, dias, & annos, & quanto temos,
 sem nos dar de nada conta, nem nós a
 termos com nosco. Qual conta? Nem
 caymos nella, pera lha pedirmos, nem
 elle a tem, com nola não dar. Isto faz elle
 aos seus, sem o elles acabarem dentēder,
 aleuantaos pera os derribar, honraos pe-
 ra os destruyr. Quantos vimos ja que an-
 dauão bufando priuança, mays soberbos
 que Anibal com a victoria de Canas, tra-
 zendo diante de si mays mares de sober-
 ba, que hũa balea, quando vem soprando,
 & depoyz vierão a cayr, & ser rodilhas,
 em q̄ os outros alimpauão os pes, & virã
 corta

Compa-
 ração.

DA LEMB. DA MORTE :

cortados é breue espaço todos os enxer-
tos de suas esperanças, q̄ muito tēpo auia
que crescião, sem ainda darem fructo. O
falsas esperanças do mūdo, ó vãos & en-
ganosos cuidados dos mortaes, q̄no meo
da viagem se espedaçam, & antes que ve-
jam o porto, se perdem & vam ao fundo.
Diz Solino que ha hi duas fontes de tal
natureza, que quem bebe dūa, ri tanto q̄
morre, porem selhe acodem com a agoa
da outra, deixa de rir, & viue. A primeyra
destas fontes he o esquecimento da mor-
te, & a segunda a lembrança della. Bebē-
do na fonte do esquecimento, rimos sem
rino, & deleitamonos nas cousas do mū-
do, indo rendidos a nossos appetites, cor-
rēdo tras elles a redea solta, até darmos
cōnosco em casa da morte sem fim. Porē
se acudimos com tempo com agoa da
outra fonte, que he a lembrança da mor-
te, tornamos sobre nos, & deyxadas as
vaãs & falsas deytações do mundo con-
uertemos nossos risos em lagrymas, &
noss

Solino.

Compa-
ração.

noſſa alegria em dor & contrição. Fuja-
mos logo da fonte do deſcuydo da mor-
te, & bebamos na fonte da lembrança
della, pa q̄ acabada a jornada vamos be-
ber á gloria no rio da ſuaue fattura &
eterno contentamêto. Deſprezemos na
terra a morte, pera alcançarmos no ceo a
immortalidade. E ſe querermos bem vi-
uer, não eſtimemos por ſeruiço de Deos
morrer. Porque aquelles ſe pode dizer q̄
viuem, que deſprezão a morte, eſtando
aparelhados pera ſatisfazer com a tráſi-
toria vida ao que deue á perpetua honra.

CAPITULO V.

¶ Do aparelho pera a morte, & do temor
& deſprezo della, & da conta, em
que a teueram os antigos.



ũa duuida, diſſe o filho, ſe
me offerece a mĩ, q̄ queria q̄
me ſenhor declaraffeis. Que
duuida? Diſſe o pay. Eu lha
dizey, respondeo o filho. E he ſobre iſſo q̄
diz, que auemos de deſprezar a morte.

A lem

DA LEMB. DAMORTE.

A lembrança da morte causa temela, & por isso nos deuemos de lembrar della para a temermos. E pelo contrario o desprezo da morte causa não a temer. E por que temer a morte & não a temer são duas cousas contrayras & repunhantes, segue-se que as causas, donde procedem os taes effeytos, também antresi se contrarião & repunhão: & as causas são cuidar na morte & desprezala: logo estas duas causas se contradizẽ, & não se cõ-padecem nũ mesmo subjecto. Porque assi como dizemos que o fogo & agoa são contrayros, porque os effeytos, que são a quentar & esfriar, são contrayros, assi parece que podemos dizer, que a lembrança da morte & o desprezo della se contrarião, poys os effeytos, que são temer a morte & não a temer antresi repunhão. E poys o senhor diz q̃ auemos de cuidar na morte, como pode ser isso, que agora acabaua de dizer, q̃ a auiamos de desprezar? Tu disse o pay, tomaste dous principios

pios ambos falsos, & porisso não he muyto ser falsa a cõclusão. Ohũ hẽ o que diseste dos effeitos. Porq̃ bem pode ser que dous effeitos sejam cõtraytos, sem serẽ contraytas as causas efficientes. Queres ver isto? Mete hũ pao nũ forno, & ouro ẽ outro: o pao farscha impuro, & escuro, & o ouro ficará apurado, & resplãdecẽte. E bẽ ves que os fogos não são cõtraytos, ainda que sejam contraytos seus effeytos. E o mesmo fogo endureceo o barro, & abranda a cera atẽ a derreter, assicomo tambẽ os rayos do sol que fazem o rosto negro & o linho aluo. Assi que claro esta, que não hẽ verdadeita a proposição, que tomauas. O outro principio falso, he isso que dizes, que a lembrança da morte causa temela, & que porisso nos auemos della de lembrar pera a temer. Antes de cuydar na morte procede não a temer. Por que de cuydarmos nella procede aparelharmonos pera ella, & de estarmos pera ella aparelhados nasce não a temermos

Comparaçam.

DA LEMB. DA MORTE.

Bernard E daqui veo São Bernardo a dizer nũa epistola que o seruo de Deos, dado que não escapa da morte, ao menos não a teme: porque a virtude o faz estar prôpto

August. pera morrer: E sancto Augustinho diz q̄ o demasiado arreceo da morte vem de Seneca. ter pouco aproueytado na vida. E Seneca a conselha, como te agora antes dizia, que cuydemos na morte pera a não temermos. Porque do cuydar nella vem aparelharmonos pera ella, & de nos pera ella aparelharmos se segue não a temermos. E não digo eu que nos lembremos da morte pera a temermos, senão pera nos pera ella aparelharmos, porque então he proueytosa a lembrança da fim quando a dá a nossos peccados. Grande sciencia, disse o filho, será saberse hũ homẽ aparelhar pera bem morrer. Hé, disse o pay, hũa das mores, & may: altas que ha no mundo, & hũa das mais esquecidas q̄ ha nelle. Se hũ homẽ se aparelha p̄ hũa festa não sabendo se hade chegar a ella.

como

como se não aparelha pera a morte, a que
 sabe que necessariamente hade chegar?
 Encomendote muito este aparelho, pera
 a morte: espera em todo lugar poys
 em todo lugar te espera. Estandoa com
 esta lembrança esperando não a teme-
 rás. Verdade hé que da lembrança da
 morte nasce hum temor, mas não della,
 senão da conta que nos Deos hade pedir,
 & que por força auemos de dar? E o te-
 mor desta conta nos faz tela com nossa cõ-
 sciencia, donde nos nasce deixarmos o a-
 mor do mundo, & abraçarmonos no de
 Deos, de que procede por vezes dezejarmos
 partirmos já desta vida, por gozarmos de
 Christo na sua gloria. Homẽ que hade na-
 uegar pera longes terras, & nem té feyta
 matalotajem, nem fato entrouxadao, nem
 auidados seus negocios, sempre lhe parece
 que estão as naos depressa, & q̄ partem já.
 E dalhe muita dor, quando lhe lembra, q̄
 hão de partir estado fãõ desapercebidos; mas
 os q̄ tem auiado tudo, dejejão partir,

Cõpara-
cam.

DA LEMB. DA MORTE.

E a pressa lhe parece tardança. Parte a
 armada deste mundo pera o outro, & for-
 cadamente hade partir: os descuydados
 de sua alma, que nem tem pago o que de-
 vem, nem se tem tirado dos peccados, nẽ
 pedido perdão aos que perseguirão, nem
 feito nada em cousas importantes, e sum-
 mamente necessarias a suas consciencias,
 parecelhe que està a armada a pique, &
 que começão já aleuantar as ancoras, &
 a tardança julgão por pressa, & temem a
 partida, pera a qual forão descuydados:
 mas os justos, & que tem sua alma ordena-
 da, viuem sem estes temores, & de tal
 maneyra desprezão a morte, que por ne-
 nhũ medo d'ella deyxão de fazer o que
 deue, antes estão determinados de mor-
 rer por Christo, quando for necessario,
 estimando a elle muyto mais q̃ a vida
 sem comparação. Nem entendas q̃ di-
 go eu que não temamos em nenhũa ma-
 neyra a morte, porq̃ he tão natural este
 temor, que não podemos naturalmente
 deyxar

deyxar de ter algũ, mas digo que a não
 auemos de temer de tal maneira, que este
 temor nos faça fazer o que não deuemos.
 E a isto chamo eu não a temer. E cha-
 mo desprezala estar hum homẽ apare-
 lhado pera morrer, antes q̃ cometer hu
 peccado mortal. Vês logo aqui como a lē-
 branca da morte, e o desprezo della não
 repunbão: antes tomandõ estas duas cou-
 sas da maneira q̃ digo, andão tão liadas,
 que estão bẽ loõoe de serem nũca hũa
 da outra. Sancto Ambrosio diz assi: *Ambros.*
 Se es forte despreza a morte, e se es fraco
 fugelhe, mas de tal maneyra fuge da mor-
 te temporal, que não vas dar na eterna:
 porque ninguem pode fugir da morte
 senão seguindo a vida, e a vida de Chri-
 sto. Periandro diz, que dezejar sem neces- *Periand.*
 sidade a morte he mau, mas que temela
 he pior. Quinto Curcio diz, que dos va- *Quinto*
 rões fortes mays he desprezar a morte, *Curcio.*
 que auozrecer a vida. Querem dizer es-
 tes authores, q̃ os varões esforçados, e de

DA LEMB. DA MORTE

altos animos hão de desprezar a morte, não por odio da vida q̄ acaba, mas por amor da honra q̄ permanece. E como esta hōra cōsista na virtude, & a virtude em seruir a Deos segue-se que hãuemos de desprezar a morte, quando assi compriir ao seruiço de Ch̄ro. E como para este seruiço de Christos excite muyto a lembrança da morte, segue-se que não repunha esta lembrança cō este desprezo. Quem tinha may's lembrança da morte que São Ieronimo, & quem mais desprezo della que elle? Lê as suas obras, & verás hũa cousa, & outra. Toma nas mãos hũa epistola, que mandou a Cypriano, vê o prologo que fez sobre Esdras, lê hũ pouco pelos comentarios, que fez sobre os Profetas, onde elle abriu a porta de sua tenda, & mostrou as ricas sedas & borcados de sua sapiencia, & verás quão pouco temia a morte, & quão se lembrãua della. Olha pera a sua imaõ, & veloã nũ aspero deserto, banhado é laõri = mas ferido seus peitos, & cō hũa caueira diã = te

Hieron.

te. Naquelle dura, e espãtoſa penitencia
 veràs como deſprezaua a morte e na cauei-
 ra diante como ſe lembraua della. E pera q̃
 venhamos á ſagrada eſcriptura, dizem e
 aquelle ſantiffimo Propheta, e ſereniffi- Pfal. 9.
 mo Rey Dauid, que lauaua de noite o ſeu
 leyto, e olbando por ſi ſe achaua nũa la-
 goa de ſuas laorimas, com que regaua ſeu
 eſtrado, e tinba a cabeça como conuerti-
 da em fonte, e ſeus olbos em bicas de ſuas
 lagrymas, não dezejaua elle a morte. Lé os
 ſeus pſalmos, e veràs quantas vezes ſuſpi-
 raua, e ſalucaua por ella. Ay de mi, dizia Pfal. 119.
 elle, que minha peregrinacão hé perlógada.
 E noutra parte. Affi como o ciruo deſeja as Pfal. 41.
 fontes das agoas, affi dezeja minha alma
 de vos ver a vós meu Deos. Há minha al-
 ma ſede da fonte da vida, ah quãdo ſerã
 já o dia que me heide partir, e apparecer
 ante a fãce de Deos! Eſtando meus olbos e-
 ſtillando lagrimas de meus deſejos, as qua-
 es me ſeruem de pão, e mantimento,
 de dia, e de noyte. Com eſtas palauras

DA LEMB. DA MORTE.

soydoſas eſtaua o bom amante explican-
do os abraſados deſejos, que tinha de ſe-
ver com Deos na ſua gr̃acia, e o ſentimẽ-
to que tinha de ſeu longo deſterro, en-
uolto em lagrimas, em que o feruente
amor fazia experiencia de ſeu ſenti-
mento, e ſoidade. Chamaua a Deos fõte
de vida, cuja ſede o tinha inflamado, e a ſi-
ceruo ſequioſo, ligeiro, e corredor ſobre
os outros animaes: o qual como dizem os
August. naturaes, e o affirmã ſancto Auguſti-
nho, mata as ſerpentes, e depõys que as
tem mortas, corre com mór ſede, e ligei-
reza à fonte das viuas agoas, porq̃ mor-
tos os peccados que ſão as ſerpentes, ſus-
pira a alma com mór feruor por aquella
fonte da vida, que hẽ Chriſto noſſo Deos.
E hẽ de notar que o titulo deſte Pſalmo
he eſte. Pera a fim, entendimento aos fi-
lhos de Core. Como ſe diſſera: Eſte Pſa-
lmo he dirigido a Chriſto, que hẽ o fim a
que hão de ſer dirigidas noſſas couſas. E
he eſte Pſalmo hum entendimento, que
con-

conuem aos filhos da caueyra. Porque core na lingua Hebraica quer dizer caueyra, como affirmam sancto Augustinho na explanacão dos psalmos. Que se entende pela caueyra, e ossos de finados, senão a lembrança da morte? Não te pareça q̄ dezejava este sancto Propheta, e real psalmista a morte, por escusar os trabalhos da vida, nem como desesperado, porq̄ isto he fraqueza, e culpa: mas lembrauase da morte, e dezejavaa, pera se ver com Deos, cujo amor o tinha nelle transportado. E isto he perfeicão. Assi interpretão muytos aquelle Psalmo, sem embargo que outros lhe dão outros sentido, e ambos podem ser verdadeyros. Quando Periandro affirmaua, como te agora antes dizia, que era mau dezejar a morte, entendia do desejo procedido de odio dos trabalhos da vida, e não do amor de Christo: porque dezejar de morrer por amor de Christo he cousa gloriosa, conformando sempre este desejo com a diuina vontade. Aquelle di-

August.

DA LEMB DA MORTE.

uino Paulo, aquella docayna euangelica
 aquelle vaso escolhido, não dizia q' a sua
 vida era Christo, & que a morte lhe era
 preueyto? Lê a Epistola, que escreueo a
 Philippi. os Philippenses, & velo às. E logo mais a
 baixo diz, que dezeja ser morto, & desatado
 & estar com Christo. E depois vindo o tem-
 po de seu martirio hia tam alegre pera a
 morte, como se fora celebrar alouãas gran-
 des vodas. Estando elle prezo em Roma nua
 aspera, & escura cadeia, que depois foy con-
 sagrada em ioreja, & he agora orago
 de Sam Pedro, & Martiniãno, na qual
 eu per vezes entrey, lhe derão nouas de sua
 morte, as quacs elle recebeo com grande
 contentamento. E logo foy leuado pela
 via Ostiense hua legoa de Roma, onde
 lhe cortarão a cabeça, que deu tres saltos
 em terra, onde se logo marauilhosame-
 te abrirão tres fontes d'agua, que ain-
 da hoje em dia durão, porque o quer
 Deos assi pera memoria daquelle mi-
 laore, as quacs eu vi com meus olhos &
 ainda

ainda te digo que bebi dellas. Aquella
 multidão de martires q̄ morrerão pella fé
 de Christo nosso Deos, quem podera expli-
 car o Sancto aluoroco, & feruente amor,
 com que caminhauão pera a morte.
 Chorauão os amigos, & parentes que
 os acompanhauão até o lugar do mar-
 tyrio, & representando com lagrimas o
 seu sentimento, fazião triste pranto, dize-
 do hũs aos outros com alternada dor, &
 soydade tão magoadas, & lastimosas pa-
 lavras, q̄ antre indomitos tigres, & bra-
 uos liões podião fazer impressão. Mas
 nem por isso os algozes dexauão de lhe
 dar a morte, nem aos sanctos pesaua com
 ella. Antes com inextimauel alegoria &
 feruor dezejauão já de se verçò seu Deos
 na sua bemauenturanca. Querião an-
 tes perder a vida, que a fé, & marauilho-
 sa constancia, & embebidos na diuina cha-
 ridade não tinhão em conta os cruelys ty-
 rannos, nem seus terriueis tormentos, q̄
 nunca os asperos desertos de Arabia, nem
 os

DA LEMB. DA MORTE.

os espantosos ermos da Ethiopia, nem as
 brauas montanhas de Lydia criarão tão
 feras serpentes, tão temibeyes, & crueys, co-
 mo erão os tyranos. Mas os gloriosos
 martyres entrauão por meo das chamas
 & dos cutellos, como per suaues, & de-
 leitosos jardins. Não auí tormentos por
 asperos, & exquisitos que fossen, que os
 espantasssem. Deleytauão se em morrer
 por quem morreo por elles, não querendo
 por medo da morte deyxar a verdadeyra
 vida, antes com penetratiuas palauras,
 & suspiros saydos do intimo de seu pey-
 to mostrauão o desejo que tinhão de já
 partir. Sam Basilio declarando aquel-
 las palauras do bom velho Simeão, que
 são Lucas escreue no segundo capitulo
 de seu sagrado Euangelho, Agora dey-
 xay senhor o vosso sexuo ir em paz, se-
 gundo a palaura que dado tinbeis. Diz
 que se attentarmos pera as vozes dos ju-
 stos, acharemos que todos gemem cõ a
 triste tardança, & detença desta vida

Hay

Basilio.

Luc. 2.

Hay hi duas vidas, bũa neste mundo, &
 outra no outro, & a morte he fiuella que
 ajunta estas duas vidas. E sayndo o san-
 tes martyres desta trabalhosa entrão na
 outza descansada: saindo desta vida, que
 he perlongada morte, per meo da breue, &
 gloriosa morte entrão naquella vida, q̄
 he eterna, & verdadeyra vida, onde há
 vida sem morte, luz sem treuas, aleoria
 sem tristeza, descanso sem trabalho, & fi-
 nalmente onde está o sumo bem, a quem
 do qual ficão todos os bens, & todos os bens
 que são contrayros a este bem, estão tam
 longe de ser bens, que são males. Antes
 da morte de Christo Iesu, não era muito
 ser a morte temida, poys por mais sã-
 tos que os homens fossem hiaõ ao limbo
 lugar que era dos justos. Mas como o san-
 gũe de Christo foy chaue, que desfechou
 a porta do parayso, & a deixou aberta
 pera todos os justos, & está o bom Iesus com
 os braços abertos pera os receber, & fazer
 participantes do seu reyno, não ha hi ra-
 zão